LAMPIÃO da esquina

Ano 1 - Nº 12 - Maio de 1979 - Cr$ 18,00

● Leitura para maiores de 18 anos

Atenção, despeitadas de ambos os sexos: este é o nosso número 12

AMOR ENTRE MULHERES

(elas dizem onde, quando, como e porquê)

As confissões de um rabino guei

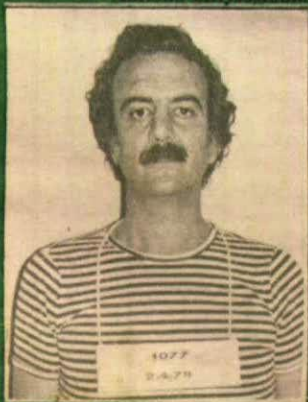
Todo mundo pro banheiro!

Um padre fala do amor de Jônatas e Davi

Nunca houve uma mulher como Shirley

MUITA BIXÓRDIA!

PROCURA-SE

ELES NÃO SE CHAMAM ATALLA NEM LUTFALLA, NÃO SÃO SÓCIOS DO LUME NEM DO LUDWIG:

Antônio Chrysóstomo — Adão Acosta — Aguinaldo Silva — Clóvis Marques — Francisco Bittencourt

PODE HAVER CRIME MAIOR?

LAMPIÃO

Conselho Editorial — Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Coordenador de edição: Aguinaldo Silva.

Colaboradores — Agildo Guimarães, Fredirico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, Zsu Zsu Vieira, José Fernando Bastos, Henrique Neiva, Leila Miccolis, Nélson Abrantes, Sérgio Santeiro, João Carlos Rodrigues, João Carneiro (Rio); José Pires Barroso Filho, Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Curi, Edélcio Mostaço, Paulo Augusto, Eduardo Dantas, Cynthia Sarti (São Paulo); Amylton Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Sandra Maria C. de Albuquerque (Campina Grande); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Max Stolz e Wilson Bueno (Curitiba).

Correspondentes — Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova Iorque); Armando de Fulviá (Barcelona); Ricardo e Hector (Madrid).

Fotos — Billy Aciolly, Maurício S. Domingues, Dimitri Ribeiro (Rio); Dimas Schitini (São Paulo) e arquivo.

Arte — Jo Fernandes, Mem de Sá, Patrício Bisso, Hildebrando de Castro.

Arte final — Edmilson Vieira da Costa.

LAMPIAO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda... CGC 29529856/0001-30; Inscrição estadual: 81.547.113.

Endereço para correspondência: Caixa Postal 41031, CEP 20241 (Santa Teresa), Rio de Janeiro, RJ.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento, 189/203.

Distribuição: Rio — Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente (Rua da Constituição, 65/67); São Paulo — Paulino Carcanhetti; Recife — Livraria Reler; Salvador — Literarte; Florianópolis e Joinville — Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda; Belo Horizonte — Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda.; Porto Alegre — Coojornal; Teresina — Livraria Corisco; Curitiba — Ghignone; Manaus — Stanley Whide.

Assinatura anual (doze números): Cr$ 210,00. Assinatura para o exterior: US$ 15.

Grupo SOMOS: uma experiência

Um gigantesco e milenarmente bem montado sistema de opressão sexista vem movendo uma guerra incessante contra aqueles que não saímos programados por suas pautas de condicionamento sócio-familiar. Esse bombardeio sistemático mostra-se eficiente porque muitas vezes descompõe a estrutura pessoal daqueles que saímos das regras. Tentam nos condenar a viver à margem ou então acabamos compulsoriamente reintegrados àquilo que entendem por "normalidade" — por meio de violências culturais, psiquiátricas e físicas.

Mas não é verdade que estamos incapacitados para nos rebelar. Ao contrário, a ancestral acumulação de opressões gerou em nós um potencial contestatário de alcance ainda não previsto. Primeiro, já descobrimos que não merecemos ser escondidos, porque nada temos de feio. Esse tipo de repressão é parte de um velho truque de quem quer manter o poder a qualquer custo. E tem medo dos que divergem. E depois, a verdade é que, neste país, finalmente já estamos nos organizando.

Nos últimos três anos surgiram inúmeras tentativas de tomar posição. Uma delas é a experiência do grupo SOMOS, cuja história coincide com a própria existência do LAMPIÃO.

Houve uma tentativa de organização em 1976, quando um grupo de entendidos começou a se reunir para discutir seus problemas, em São Paulo. Entretanto, 70% do grupo se julgava anormal, em função de sua homossexualidade. Como dizia um deles: "Eu daria tudo para ser um senhor casado e com filhos. "Evidentemente, o resultado foi desastroso, com tanta culpa, auto-desprezo e ausência de auto-imagem. Não deu em nada, depois de poucos meses.

SOMOS surgiu em São Paulo em maio de 78, a partir de uma idéia comum a várias pessoas, para possibilitar o encontro de homossexuais, fora dos costumeiros ambientes de badalação e pegação (boates, bares, saunas, cinemas e calçadas); procurava-se com isso um conhecimento mútuo que fosse menos aleatório e a discussão de nossa sexualidade, de maneira franca e digna. Desde a primeira reunião sentimos que isso era inédito, urgente e fascinante, ao mesmo tempo. Nesse período, procuramos alcançar uma identidade enquanto grupo social e recuperar a consciência individual, a partir da homossexualidade comum a todos. Durante essa primeira fase, nós nos reuníamos semanalmente, em média 15 pessoas, mas nem sempre as mesmas; discutíamos a partir das vivências de cada um e, a partir dos depoimentos pessoais, tentávamos encontrar um fator comum que definisse uma linha de ação e um objetivo para o grupo.

A coisa não foi fácil. Tivemos uma existência quase clandestina e muito conturbada. Imaginem um bando de pessoas freqüentemente com problemas básicos de aceitação pessoal, tentando encontrar um ponto comum para iniciar um diálogo sobre si mesmas. Tudo bastante dilacerado, de um lado. Muita dúvida, porque tudo era novo. E uma extrema oscilação de gente entrando e saindo. Muitos vinham para espiar. Se decepcionavam. Criticavam nossa falta de objetivos, de organização. De fato, não tínhamos nada pronto, nada de concreto para expor, nenhuma fórmula para mudar o mundo. Eles iam embora. Pelos motivos mais diversos. Só não diziam que era por medo, insegurança — coisas que todo mundo lá dentro sentia. Às vezes, antes de sumirem, eles pediam que a gente os avisasse quando o grupo estivesse "pronto".

Esta fase foi fértil e proveitosa, pois além de proporcionar uma válvula para muitos desabafos pessoais e inúmeros testemunhos de situações de discriminação e repressão, enriqueceu nossa mentalidade coletiva, mostrando que várias idéias que tínhamos a priori não eram verdadeiras — como por exemplo a noção de que, pelo fato de sermos todos homossexuais teríamos pontos de vista semelhantes. Na verdade, a maneira como cada qual encarava sua sexualidade era bastante distinta. Nós não éramos um padrão. Éramos inúmeros, inumeramente diferentes.

Ah, houve tantas histórias! Muitas de amor. Alguns viveram amores infelizes. Houve inclusive vários triângulos, às vezes quadrângulos, com finais tristes para os que sobraram nas pontas. O grupo sofria diretamente os efeitos disso-afinal, tratava-se antes de tudo de um grupo para as pessoas se encontrarem. Fomos abalados pela saída (às vezes tempestuosa, às vezes amarga) de alguns que amaram e não foram amados; e saiam também outros porque eram amados e não queriam amar; sobrávamos os que sobramos, um pouco no cais a ver navios. Houve um que outro casamento, evidentemente; mas que também provocaram abalos. Um casal em especial se amou muito. Depois que tinham certeza de se amar muito, passaram a reclamar sistematicamente do grupo, que virou chato, sem sentido, complicado. Um dia eles sumiram. Certamente se amando muito.

Outra idéia que se mostrou falsa foi a de que as vivências de cada um também seriam muito próximas. Cedo percebemos que as experiências sexuais, as relações com o sexo oposto, o relacionamento familiar e profissional, a situação econômica e outros dados eram extremamente diversificados; não podíamos fazer generalizações a partir das vivências individuais. Embora elementares, essas primeiras verificações nos levaram a um processo de evolução dinâmico; sem atingirmos nenhum consenso, adquirimos melhor visão da diversidade dos problemas a enfrentar.

Por outro lado, havia coisas gostosas. Propostas novas. Descobertas pessoais de gente interessante, e muita discussão. Mas devíamos começar do nada, contra a corrente. Enfrentamos fantasmas de todos os tipos e cores, fora de nós e dentro de nossa cabeça já feitas. Discutíamos acirradamente, por exemplo, o que seria para nós fazer política. Queríamos, sem dúvida, propor uma maneira especificamente nossa de fazer política, rompendo possivelmente com as propostas autoritárias e patriarcais da esquerda tradicional. Muitos achavam que tínhamos contribuições específicas a apresentar, enquanto homos. Era fundamental desfazer o muro entre política e vida pessoal: nossas trepadas (nosso prazer) eram atos políticos e nossa atuação política (no sentido de mudança social direta) devia estar cheia da ternura que tínhamos aprendido fora e debaixo dos lençóis. Pretendíamos, portanto, ser um grupo que transasse muito o afeto, não significando com isso a inaceitação das diversidades; apenas queríamos que nosso "discutir" política já fosse uma "ação" de revisão dos métodos políticos geralmente machistas e autoritários; abominávamos, por ex., a política estudantil que conhecíamos, onde os vários grupos se dilaceravam atráves do poder, manipulando as massas estudantis com slogans e demagogia — em geral falávamos a partir de experiências pessoais. Como forma de contestar o autorismo dos chamados "revolucionários", nossa práxispolítica queria misturar-se com o prazer e a ternura.

Tratava-se não apenas de objetivos, mas de formas de fazer política. TALVEZ AS DISCUSSÕES NÃO TENHAM SAÍDO DISSO: mas, naquela pequena fase atormentada, nós estávamos contestando o poder.

Apesar de limitado e restrito, já então o grupo teve algumas oportunidades de se apresentar publicamente, manifestando-se sobre o tratamento dado pela imprensa aos homossexuais. Divulgamos uma carta analisando o LAMPIÃO (ver o número 4) e depois de mais alcance, denunciando as atitudes sexistas da imprensa marrom. Para sesta última carta, que foi tornada bastante pública, obtivemos apoio de varios órgãos da imprensa alternativa. **Um deles quase rachou, ao discutir se devia ou não assinar essa carta conosco. O homossexualismo nunca tinha sido discutido dentro desse jornal. Quase todo o coletivo de editoria só topou assinar como um gesto de repúdio à imprensa marrom, não como especial solidariedade a um grupo de — bom, queriam dizer "viadinhos" mesmo.**

Nos últimos meses do ano passado, vivemos aquela que seria uma segunda fase do grupo, mais pública e mais formalizada, buscando abranger diferentes interesses e expectativas pessoais de atividade. Fizemos então uma reunião ampla, no Teatro da Praça, convidando pessoas próximas e potencialmente interessadas. **Esperávamos um mínimo de 50 pessoas, porque espalháramos um pequeno texto mimeografado, fazendo proposta e convite. Apareceram não mais de 20... E naquelas alturas, recomeçavam discussões básicas, pela enésima vez. Por exemplo, uma bicha muito linda foi até lá pra dizer que politicamente era insignificante e secundário que homossexuais se reunissem para trabalhar; o negócio era partir para fazer política sem divisionismos; discutir homossexualidade não iria melhorar a situação das massas. Quer dizer, ele pedia que voltássemos para casa. Havia outras contestações básicas. Por exemplo, gente que se proclamou (após uns poucos meses) cansada de discutir sexualidade e fazer ou ouvir "confissões" pessoais; davam um basta ao confessionalismo. Então faremos o quê? Propunham vagamente a formação de um grupo que exclusivamente transasse o próprio corpo, trabalhasse com dança, expressão corporal, fosse enfim mais "carnal", menos cerebralino. Perfeito! Mas até hoje o grupo não se organizou. Sumiram. Não teria sido esse mais um dos tantos pretextos — talvez até inconsciente — para rejeitar a oportunidade de uma discussão (incômoda, dolorosa) sobre a própria sexualidade?**

A proposta lançada nessa época basicamente permanece até hoje. Consistia na divisão do grupo em seis ou mais subgrupos que se reuniriam separadamente, com objetivos e atividades diversos, de acordo com o desejo das pessoas. Periodicamente se faria uma reunião geral onde os resultados parciais seriam "comunicados" entre todos. Em princípio, haveria seis subgrupos: de "identificação", de "estudos", de "atuação externa", de "serviços", de "atividades artísticas" e "expressão não-verbal" — e desses, apenas os três primeiros passaram a funcionar regularmente. O grupo de identificação preferiu continuar o método de trabalho que desenvolvíamos inicialmente: o crescimento da consciência individual e o reforço de identidade, a partir dos dados e discussão das vivências pessoais; isso funciona como um nível inicial de conscientização e também como meio de contatar mais profundamente as pessoas entre si e as pessoas com o grupo. O setor de estudos aborda situações mais teóricas e discute a sexualidade a partir de material exterior às pessoas, seja em pesquisas de campo seja na análise de textos, filmes, peças teatrais, etc. O pessoal de atuação externa teria a função básica de atuar mais publicamente, relacionando o grupo com situações, pessoas ou entidades fora dele, seja apresentando posições seja trocando experiências; esse seria o setor mais "ativista", mais infra-estrutural. Mas não existe rigidez de divisões. Assim, as funções da atuação externa têm sido mais ou menos exercidas por membros dos outros subgrupos, mesmo porque algumas pessoas integram mais de um grupo. Cada um desses agrupamentos tem um coordenador tirado dentre seus participantes, para garantir uma organização suficiente e isenta de centralismo. Continuamos interessados em checar a questão do poder.

Continuou havendo também muita barra pra segurar. Uma vez entrou na atuação um rapaz de extrema boa vontade. Mas não deixava ninguém falar. Tinha receitas prontas pra tudo. Repetia insistentemente que não existia problema de repressão social contra as bichas; que tudo não passava de covardia na cabeça da bicharada — ele tinha resolvido seu problema social a partir do dia em que decidiu enfrentar todo mundo. Então, tratava-se de mera questão de cuca mesmo — mandar todos os homossexuais fazerem terapia e pronto; em última análise, não havia necessidade de atuar. A coisa se desenrolou até o extremo de que grupo começou a se dissolver, em meio dessa discussão. Então, através de dois amigos seus, pedimos ao rapaz que se retirasse do grupo. Ele saiu, mas antes nos fez sérias advertências: segundo disse, nós só íamos criar problemas para a bicharada, porque estávamos mexendo em coisas que a polícia não ia gostar; quem iria sofrer as conseqüências eram as bichas coitadas que estavam muito felizes e livres, desmunhecando pela Praça da República e Vieira de Carvalho; então, antes que isso acontecesse, ele iria à polícia nos denunciar, no primeiro ataque que fizéssemos. Tudo porque este país é de fato o paraíso dos entendidos, segundo ele. Não foi nada agradável. Além de tudo, só faltava nós sermos dedados (!) por outra bicha...

Após o debate realizado na USP em 8 de fevereiro, sobre homossexualismo, SOMOS se tornou mais conhecido. A partir de um encontro realizado cinco dias depois, no Tuquinha (PUC), um grande número de pessoas se ligou ao grupo. A essa altura, superávamos um de nossos maiores problemas em termos humanos: a ausência de mulheres. **Era verdade. Raramente pintavam mulheres, anteriormente. Uma vez apareceu um casal. Uma delas entusiasmadíssima, a outra calada. Mas não voltaram às reuniões seguintes.**

→

Depois soubemos que a moça calada tinha botado a amante em xeque: "ou eu ou o grupo". Ela ganhou. Enquanto em 78 não mais que quatro mulheres passaram pelo SOMOS, após fevereiro de 79 as proporções chegaram a se equilibrar entre homens e mulhéres homossexuais.

A verdade é que o debate da USP foi a grande oportunidade para uma divulgação massiva e uma ampla discussão política da questão homossexual. **Nessa noite, estávamos quase borrando as calças. Era nosso primeiro enfrentamento público. Tinhamos medo do que viesse a acontecer ali, com um público que já se revelara agressivo e refratário. Alguns de nós tomaram calmante para participar da mesa; outros tinham amanhecido com gripe ou diarréia. Os heroismos são mesmo artigos de telenovela.** Juntamente com outros setores falsamente chamados "minoritários" (ver LAMPIÃO número 10), exigimos o espaço social que vêm sendo negado na luta pela transformação da sociedade: afirmamos a sexualidade como uma das liberdades democráticas e um dos direitos humanos a serem reivindicados — sem falsas prioridades impostas compulsoriamente, pois trata-se de incluir tais elementos numa análise mais global da sociedade.

Nosso grupo já se chamou desde Clube da Bolachinha (nos reuníamos com chá e bolacha), até Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais (com que subscrevemos a carta contra a imprensa marrom), sem contar apelidos como "grupo totó-fruta-conde", dado por um leitor do LAMPIÃO. Discutimos muito o nome. Afinal, pintou SOMOS, que é expressivo, afirmativo, palidrômico (procure no dicionário), rico em semiótica e sem contra-indicações. Trata-se, além disso, de uma homenagem à Frente de Libertação Homossexual da Argentina, que foi na América Latina o primeiro movimento organizado para lutar pelos direitos homossexuais — e que hoje está dissolvida graças à violência do regime político nesse país. A FLHA publicou alguns números de uma revistinha chamada SOMOS. E nós queremos continuar essa que é a mesma luta deles.

Já nos disseram que o SOMOS só tem problemas a contar. Até certo ponto é verdade. Mas nós descobrimos coisas importantes, graças aos problemas. Por ex., descobrimos que temos dificuldade em falar de nós mesmos, enquanto indivíduos. As pessoas em geral, alimentam uma idéia mistificada de coletividade, comunidade, conjunto; e esquecem que cada um forma a base do todo. Dentro do grupo, sempre foi mais fácil quando a gente falava de política ou exercia alguma atividade considerada "mais política". Mas o indivíduo isolado, que faz um gesto de afirmação de si mesmo, esse se expunha com mais dificuldade. Era uma coisa fantástica: apesar de nossas palavras em contrário, descobrimos a repressão e o autoritarismo internalizados dentro de nós; por isso é mais fácil transar a revolução fora de nós do que dentro de cada um. Entre outras coisas, precisamos aprender a falar. Sobre nós mesmos, sobre nossa sexualidade, sobre nosso direito amplo e irrestrito à felicidade. É isso aí.

Qurendo nos contatar, escreva para: Grupo SOMOS — Caixa Postal 22196 01000 — São Paulo, SP.

Uma capa com muitas estrelas

No dia 2 de abril cinco editores de LAMPIÃO da Esquina compareceram à sede do Departamento de Polícia Federal, na Praça Mauá, Rio (que, ironicamente, possui à porta este letreiro: "Imprensa Nacional"), para serem identificados criminalmente. Antônio Chrysóstomo, Francisco Bittencourt, Aguinaldo Silva, Clóvis Marques e Adão Acosta foram fotografados de frente e de perfil (e não de costas, como se esperava), e tiveram suas impressões digitais tiradas dezenas de vezes, indiciados que estão no inquérito de n.º 25/78 daquela repartição policial, sob a acusação de "ofensa à moral e ao pudor público" (decreto 1077, Lei de Imprensa).

A identificação criminal encerra a fase de inquérito, já que agora cabe ao delegado que conduziu os trabalhos enviá-lo à Justiça. E esta decidirá se deve denunciar os editores de LAMPIÃO, OU SIMPLESMENTE ARQUIVADO. As absolvições recentes de Celso Cúri em São Paulo, e do poeta Nicolas Behr em Brasília, ambos enquadrados no mesmo item do decreto 1077, mostra qual é a posição da Justiça, a essa altura dos acontecimentos — e da vida nacional — quanto a esse tipo de acusação.

De qualquer moao, ao anexar aos seus já vastos arquivos as fotos dos cinco editores do LAMPIÃO, o DPF não deve se dar ao luxo de imaginar que com isso eles estão completos. Apenas para dar um exemplo: lá não estão as fotos de Michel Albert Frank, o matador de Cláudia Lessin, nem dos que lhe forneciam aquele que era seu principal combustível — a cocaína. Lá também não estão os responsáveis pelo Grupo Lume, embora a denúncia por sonegação de impostos contra um deles, tenha sido aceita recentemente pelo Supremo Tribunal Federal. Isso para não falar em outras figuras diante de cujas ações nosso trabalho de jornalistas parece aquela história de Davi e Golias (a imprensa é Davi', malhando sem parar o gigante insensível): os Lutfalas e Atallas, os Ludwigs e outros que tais. De qualquer modo, Golias, lá vai pedra...

Todo o mundo pro banheiro !

"Limpador de esgoto, travesti de *baby-doll*, mendingo incômodo, bêbedo chato, quem usar cadeira de rodas, tiver aspecto repugnante ou doença infecto-contagiosa, aconselha-se a ficar fora do metrô": a recomendação, feita pelo Jornal do Brasil em sua edição de 8 de abril, baseava-se no "Regulamento de Transportes, Tráfego e Segurança" destinado ao usuário do metrô carioca e aprovado pelo Governador Chagas Freitas. E o jornal, naquela matéria, tentava discutir os artigos mais rigorosos do código, para concluir, ao final: "as minorias não cabem no metrô".

Mas que minorias? E que metrô? O Subterrâneo carioca é, por enquanto, um trecho de linha que liga uma meia dúzia de quarteirões, uma espécie de brinquedo luxuoso que, mesmo assim, já custa caro a quem brinca de ser seu usuário: Cr$ 5 pelo direito de entrar numa estação e descer na outra, 600 metros adiante. Apenas um brinquedo, ele já tem normas rigorosas destinadas a tolher aqueles que seus dirigentes consideram "inconvenientes". E entre estes, embora a palavra ainda não tenha sido utilizada, estão devidamente incluídos os homossexuais — pelo menos, os homossexuais como eles são imaginados pela mente tortuosa do presidente da Companhia do Metropolitano carioca, Sr. Noel de Almeida.

Senão, vejamos: dias antes da inauguração do *seu metrô*, Noel deu de presente a sua contribulção pessoal à "moral" e aos "bons costumes" da população, anunciando que em suas estações não haveria banheiros. Por que? Ora, viajado que é, ele constatou que nos banheiros de metrô "acontecem as piores coisas". Quer dizer, o engenheiro partilha da idéia geral de que os banheiros públicos funcionam como uma espécie de quartéis-generais da falange subterrânea e obscura dos homossexuais. Para ser mais claro: todo mundo, quando entra num banheiro, vai satisfazer as chamadas "necessidades fisiológicas", exceto as bichas; essas, quando entram lá, é sempre para fazer "as piores coisas".

Talvez nos coubesse, aqui, meditar sobre o fato de que nossos destinos estão definitivamente entregues aos caprichos de mentes doentias; afinal de contas, as "piores coisas" não estão acontecendo nos banheiros de metrô, mas sim, nas cabecinhas cheias de grilos de determinadas pessoas, sobre as quais um bom psiquiatra diria: "não resta a menor dúvida". Mas deixemos a meditação de lado e passemos adiante: diz o Diretor de Operações do Metrô, Cláudio Sena, que o objetivo do Regulamento é "proteger a maioria em relação à minoria". Tal explicação é totalmente falha; primeiro, porque um conceito verdadeiramente amplo de democracia não pode deixar de ver a "maioria" como uma reunião de todo tipo de "minorias"; e segundo porque a *maioria*, que o sr. Cláudio Sena parece tão empenhado em proteger, *também* faz xixi!

Senão vejamos: perguntada sobre o que achava da monumental obra do metrô carioca, a Maioria não se manifestou sobre os mármores, sobre as escadas rolantes, sobre o ar condicionado, sobre nada disso: ela reclamou, em peso, que nas estações do Subterrâneo carioca *não havia banheiros*. E agora, Cláudio Sena? A permanecer o seu conceito de democracia, que se providencie com urgência os *dáblius-cês*.

Que, por sinal, fazem falta na cidade inteira. Ainda em nosso número anterior, um dos redatores da *Bixórdia* lembrava que, premidos pela necessidade — "que não escolhe hora nem lugar" —, os cariocas são obrigados quase sempre a transformar árvores e postes em mictórios improvisados. E isso é tão comum que, em alguns lugares, o odor característico já se perpetuou. Os mais ousados, que se atrevem a fazer incursões aos banheiros dos botequins, nem sempre saem ilesos da aventura — a maioria deles parece ter sido planejado pelo mesmo decorador do *Inferno* de Dante.

É possível que o pensamento que norteia as decisões do engenheiro Noel de Almeida seja comum na administração pública do Rio, o que explicaria essa ausência de banheiros públicos na cidade: o último deles, existente no Largo da Lapa, foi derrubado muito apropriadamente nos idos de 1968 e, em seu lugar, construíram um estacionamento. Nossos administradores, portanto, não enxergam muito longe; basta dizer que, em Roma, os mictórios públicos são carinhosamente chamados pela população de *vespasianos*, o que é uma homenagem ao ilustre César do mesmo nome que primeiro mandou construí-los. Já pensaram que ótima oportunidade o prefeito Tamoyo perdeu de ver seu nome definitivamente incrustado na paisagem carioca?

Mas voltemos à questão: as bichas libertárias, cegas adeptas do *slogan* utilizado pelo Gay Liberation Front norte-americano — *out of the closets*, certamente ficarão chocadas com essa nossa insistência quanto aos banheiros. Expliquemos: é que nós achamos que o direito de sair dos banheiros inclui, necessariamente, o direito de usá-los, sem que as outras pessoas pensem errado a nosso respeito. *Out of the closets? Yes;* mas antes vamos defender o direito de entrar neles à hora que quisermos. Esta sim, é uma opção verdadeiramente política.

É por isso que o "Regulamento" do Metrô carioca nos parece particularmente chocante. Voltemos ao Diretor de Operações, Cláudio Sena, que declarou ao Jornal do Brasil:

— Pensemos num exagero: um travesti de *baby-doll*. Não tenho nada contra ele, nem o agente (*o guarda de segurança do Metrô*), mas ele corre um risco de reação, e uma interdição de sua entrada pode representar uma dupla proteção: dele, já que ninguém sabe a reação popular, e de terceiros, que por acaso poderão levar as sobras de uma confusão.

Falamos de mentes tortuosas? Vejam como essas declarações ilustram a nossa tese à perfeição. Primeiro: alguém imaginar um travesti de *baby-doll* perambulando pelos corredores de um metrô já é suficientemente doentio para que se acrescente qualquer outra coisa; mas há, ainda, esse conceito de *proteção*, bastante utilizado — às vezes de forma bem mais exacerbada — nos últimos tempos da vida nacional.

Voltemos às declarações de Cláudio Sena. Ao mesmo Jornal do Brasil, ele fez uma queixa: poucas coisas, aqui, têm regulamento. Por isso as pessoas estariam estranhando este código rigoroso que eles inventaram para o metrô. "Não sei se ônibus ou trem têm regulamento, é provável que os ônibus não tenham, e do trem, nunca vi. O comum, é o administrador do serviço decidir por conta própria as regras do jogo, instruir os fiscais e ver o que acontece. Os transportes aéreos, por sua vez, assim como os metrôs, são muito regulamentados a nível internacional".

É isso aí, meu caro Sena: nos aviões é vedado o ingresso aos travestis de *baby-doll*. Talvez, por isso, o mais notório escândalo ocorrido dentro de um avião brasileiro de linha internacional, nos últimos dois anos, não tenha sido provocado por um deles, mas sim, pelo presidente da Companhia do Metropolitano carioca, engenheiro Noel de Almeida, que, com seus inquestionáveis gravata e paletó, se considera um lídimo representante da Maioria à qual tanto se refere: quando voltava da Europa, enquanto quase todos os passageiros dormiam, ele trocou insultos e bofetões com outra reconhecida figura do Sistema, o industrial José Papa Júnior. E o que é pior: até hoje ninguém sabe exatamente por quê. (Aguinaldo Silva).

Enfim, um jornal-maravilha

Em apenas doze meses de atividades LAMPIÃO da Esquina tornou-se, disparado, o mais comentado de todos os jornais nanicos surgidos no Brasil nos últimos anos. A cobertura foi total: abrangeu a própria imprensa nanica, passando pelos jornais diários — do Globo ao vestuto Estado de São Paulo —, e chegando a revistas como Manchete, Fatos e Fotos, etc., sem esquecer Isto É, nossa fada-madrinha. Mas isso em termos de Brasil. Pois LAMPIÃO, após o empurrão que nos deu o Sr. Falcão, tornou-se notícia, igualmente, na imprensa internacional; não só a guei, como a "straight": do Newsweek ao Le Monde, chegando até a ser citado — pasmem: é a glória! — no sizudo L'Humanité, órgão oficial do PC francês.

De todo esse material, que faz parte de nosso álbum de recortes — a capa é, naturalmente, coberta de estrelas prateadas... —, destacamos um para publicar hoje porque é a opinião de outro órgão da imprensa combativa que surgiu no ano que passou, junto conosco, e que também está botando pra quebrar: Singular & Plural, uma revista editada em São Paulo, e que a gente recomenda a todos os lampiônicos. O texto abaixo foi escrito pelo jornalista Nando Ramos, e publicado no n.º de março da revista.

"A abertura de um inquérito pela Polícia Federal contra os 12 editores responsáveis do jornal Lampião da Esquina para averiguar se os indiciados estariam ou não atentando contra a moral e os bons costumes ao produzirem um jornal dirigido à homossexuais, foi mais uma dessas atitudes do poder, em que o feitiço mostra grandes tendências de se virar contra o feiticeiro.

"Sendo hoje, sem dúvida, uma das publicações mais vivas e inovadoras entre as manifestações de imprensa nanica que vêm emergindo nessa fase liberal do regime imposto em 1964, Lampião não é exatamente a primeira publicação que é feita no Brasil objetivando um público preponderantemente homossexual. Já em 1977, uma revistinha mimeografada — "Entender" — era distribuída irregularmente nos meios homossexuais da Bahia e do Rio. contudo, Lampião é a primeira publicação no gênero que, ao contrário de muitas outras existentes — Gay News, etc. — incomoda e gera controvérsias.

QUEM TEM MEDO DO HOMOSSEXUAL

"Esse incômodo, que levou a Polícia Federal a interrogar cada um de seus editores no sentido de obter razões objetivas que justificassem sua participação no jornal, se deve seguramente ao alto nível jornalístico e ao peso cada vez maior que Lampião vem jogando na conscientização dos homossexuais. Contando com colaboradores que ou já eram consagrados no meio da imprensa ou já tinham um nome como intelectuais e artistas, o jornal se tornou um centro inteligente difundindo idéias, desmacarando tabus e encorajando atitudes. Sem se reduzir exclusivamente aos temas homossexuais, Lampião encampou também a problemática dos índios, da ecologia, das mulheres, buscando assim a aliança das chamadas minorias, para o encaminhamento conjunto do que se costuma tachar de luta secundária.

Independente da clareza política de seus realizadores quanto ao problema, que parece, eles não querem ter, Lampião conseguiu nos seus nove números coletar opiniões importantes e enriquecer bastante o debate em torno desses temas. Um exemplo disso é o espaço concedido nos três últimos números ao ecólogo José Lutzemberger, gênio da raça que até hoje é visto nos meios intelectuais como reconhecidamente lunático. Além dele, outros intelectuais de peso, como Darcy Ribeiro e Mário de Andrade, têm sido veiculados pelo jornal. Destaque-se no último número, que é dedicado a uma ampla discussão do significado de moral e bons costumes hoje no Brasil, o artigo de Peter Fry ("Cada época com sua medida").

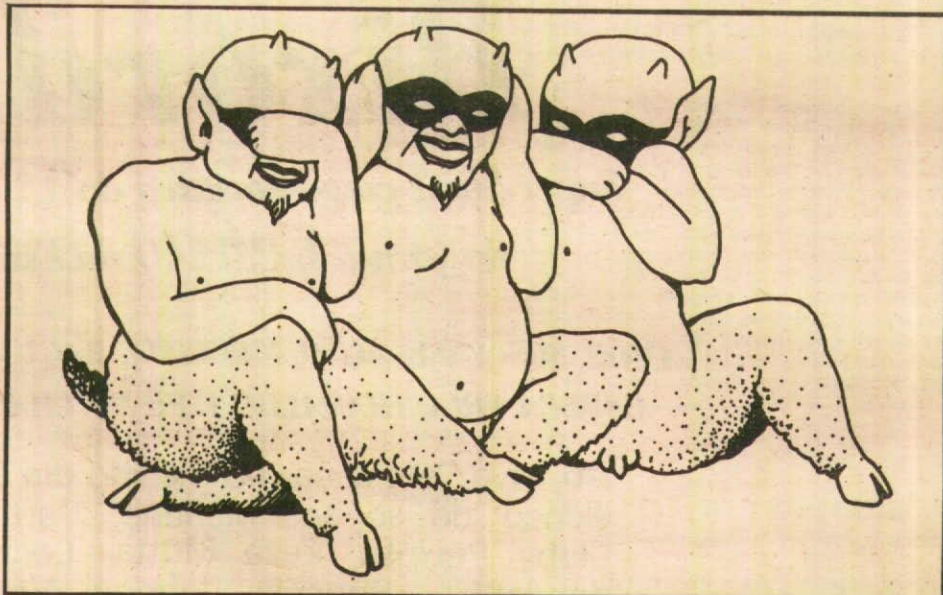
A conseqüência natural dessa agitação de idéias, além de permitir a discussão de problemas até então vedados na grande e pequena imprensa mais em razão de um preconceito generalizado do que por motivos legais, foi gerar também uma resposta pronta e efusiva de seus leitores: desde o número 1, quase três páginas são dedicadas às cartas do leitor. Essa reação dos leitores, senão inesperada pelo menos imprevista, acabou esboçando claramente a possibilidade de uma futura organização consciente dos homossexuais pelos seus direitos básicos: liberdade de prática sexual e reconhecimento social da homossexualidade sem sanções de qualquer espécie.

Dizer que em abril de 78 os fundadores de Lampião *imaginassem a potencialidade daquela iniciativa talvez seja exagerar um pouco as coisas. O que importa é que hoje, passado quase um ano, um espaço sem precedentes de nossa história vai sendo conquistado pelos homossexuais, que já colocam publicamente seus problemas e aspirações e já vão, por exemplo, à Universidade debater com estudantes a questão homossexual.*

QUEM E O QUE É O HOMOSSEXUAL

O simples fato de Lampião *colocar na ordem do dia a questão do prazer, do direito ao prazer, não só pelo homossexual, como pelo heterossexual, pela mulher, pelo operário, pela criança, enfim, pela sociedade como um todo, já lhe dá um caráter no mínimo contestatório e o coloca à frente de uma luta que não é nova no Brasil, mas que nem por isso deixa de sofrer constantemente nas mãos dos nossos revolucionários, de uma eterna carência de importância.*

De qualquer modo, Lampião *não é nem se pretende carro-chefe de nada. Na verdade o próprio jornal vive uma situação bastante contraditória em relação aos seus leitores. A relatividade do ser homossexual e a própria realidade do homossexual no Brasil, ser inferior, impede os lampiônicos de privar uma identidade comum a todos os outros homossexuais. Nesse sentido se busca uma identidade e a partir de premissas próprias, muitas vezes inacessíveis ao homossexual prostituto, ao travesti miserável, à bicha louca alienada. Como intelectuais, seus editores e colaboradores procuram como que abrir o gueto à ventilação de idéias, tornando mais arejada a convivência, ou o confinamento na maior parte das vezes, dos homossexuais. No entanto, um sensível preconceito por esse lumpen homossexual, uma vontade de reformá-lo e não percebê-lo como conseqüência de causas anteriores é flagrante e muitos leitores têm apontado isso em cartas.*

O curioso é que as contradições aí, por não serem escamoteadas mas assumidas, acabam tendo um valor positivo e isso porque a simples troca aberta de idéias entre homossexuais de todas as classes sobre os seus problemas, já é em si um fato sui generis no Brasil e tende, como a Polícia Federal já percebeu, a gerar formas mais sólidas de organização. O único problema é que a repressão do jornal, a intimidação dos seus realizadores com a ameaça de até um ano de prisão, terminam na atual conjuntura provocando uma imensa onda de solidariedade (até o Pasquim, de início avesso ao jornal, já se manifestou solidário), que só faz ampliar o debate e colocar a questão do homossexual como mais uma frente na luta de oprimidos contra opressores. (Nando Ramos)

Pavões misteriosos, ou "made in USA"

Nosso "enviado especial", Aloísio Velhote, de passagem por Nova York, resolveu dar uma esticada no **Regine's,** que lá também é templo do **"badalation set". E, ao ver o decor** e a freqüência de um concurso de fantasias, não resistiu: sacou da máquina fotográfica e documentou no ato para o LAMPIÃO. Como vocês sabem, todo "templo do **badalation set"** atrai verdadeiros enxames de gueis deslumbrados. Só que nos States a turma que curte uma de plumas e paetês, a julgar pelas fotos feitas por Aloísio, anda atrasado uns 30 anos em termos de visual. Realmente, desde que, em 1948, no Baile dos Enxutos, uma bicha atrevida apresentou-se vestida de **Rex Venatorum** (não é preciso perguntar ao emérito latinista Vandick Londres da Nóbrega: a tradução é mesmo "rei dos veados"), que não se via tanto mau gosto. Um recado a d. Regine Choukroum: se cuida, nega; com esse material aí, você não ganha nem da **gueifieira** do Cine São josé... (**texto de Aracnídea Butantã, especial para a Bixórdia Press)**

Photograph by Aloísio Velhote

In memoriam

Jorge Mala-Fria, personagem aqui da Bixórdia, famoso pela propalada temperatura glacial de determinada parte de sua anatomia, e pelo modo quase ritualístico como costumava ***arrochar*** *as pessoas com quem transava, foi morto com um único e certeiro tiro na madrugada do domingo 29 de abril, em plena Cinelândia. O criminoso? Ninguém sabe, ninguém viu. Horrível, ver o corpo de Jorge estendido de bruços na rua, rodeado por quatro velas que uma alma caridosa acendeu, a merecer comentários frios dos passantes. Ele era um desses seres infelizes que acabam inventando toda uma cerimônia secreta para esconder a própria homossexualidade - ele* ***não*** *era homossexual, apenas* ***transava para roubar****. De qualquer modo, tudo muito triste.*

Vozes no fundo do seringal

Quem passou na rua Araújo Porto Alegre, no centro do Rio de Janeiro, às 19h do dia 19 de abril, encontrou uma multidão bem ali embaixo do edifício Herbert Moses, sede da Associação Brasileira de Imprensa, e talvez não tenha chegado a saber que todos ali estavam tentando participar de um ato público organizado pela Comissão Pró-Índio do Rio de Janeiro para comemorar o Dia do Índio, e que fora dissolvido de forma muito hábil: um estranho aviso de que a Polícia tinha recebido a denúncia de uma bomba colocada no sétimo andar do mesmo prédio e que todos deviam deixar o auditório, esperando na calçada a resolução do caso. É claro que não explodiu bomba alguma; e se explodisse seria um desastre, pois os vidros das janelas seriam lançados longe e iriam despedaçar-se nas cabeças dos pobres interessados pelas tristes condições do índio brasileiro.

UMA EXPERIÊNCIA QUE DEU CERTO

Mas a eficiência em dissolver movimentos populares não é privilégio do Rio de Janeiro: todo o interior do Brasil, até o mais recôndito cantão do Acre, também goza de tal "regalia". Se não, vejamos: para tentar melhorar um pouco a situação de extrema penúria em que vivia seu povo, os chefes Caxinavás trazido ao Rio pela Comissão Pró-Índio (Alfredo Soeiro e Vicente Sabóia) resolveram criar uma cooperativa entre os índios para a extração da borracha na região em que vivem e trabalham, a começar no pequeno seringal de 12 "estradas de seringa" (caminhos abertos na selva para ligar as seringueiras), que pertence a Soeiro. Reuniram-se os índios e começaram as discussões.

A primeira questão foi o pagamento de "renda". Os patrões, pretensos, "donos" da terra dos índios, cobram uma taxa de 70 Kg de borracha para "permitir" o uso de uma "colocação" (a estrada de seringa mais as casas, dependências, roçados e defumadores para transformar o látex em bolas de borracha). A cooperativa cobraria renda? E depois que a borracha tivesse sido extraída e transformada em bolas, como efetuar o pagamento? Fazer como os patrões que, ao pesar a borracha, descontam 10% do peso dizendo que é a água contida na borracha (a chamada "quebra")? Fazer como os patrões, que pagam em mercadorias um preço muito abaixo do mercado? Todos foram unânimes em abolir a renda, a quebra e exigir o pagamento do preço justo, vigente em Tarauacá (sede do Município).

E quanto ao sal, querosene, remédios e outras mercadorias que precisavam ser compradas, uma vez que não são produzidas na região? Os patrões compravam tais mercadorias e as vendiam aos seringueiros com um lucro médio de 500%: um quilo de sal, custando em Tarauacá Cr$ 1,60, era vendido no seringal, por Cr$ 14,00; um litro de cachaça por Cr$ 100,00; um cobertor daqueles mais vagabundos por Cr$ 600,00. Como a cooperativa devia proceder, para não haver exploração? Depois de muita discussão, resolveu-se que as mercadorias compradas em Tarauacá seriam revendidas no seringal com uma média de 50% de lucro, para formar um "fundo de emergência" para o grupo.

Com a ajuda do jornal "Varadouro", combativo "nanico" da região, os índios conseguiram cinqüenta mil cruzeiros, triplicados com a ajuda de alguns comerciantes locais, e com os quais compraram uma balsa para o transporte da borracha e mercadorias para o grupo. E pela primeira vez na história da região os próprios seringueiros levaram a borracha a Tarauacá para vendê-la diretamente no mercado.

Com o sucesso da empresa, outros índios e até seringueiros brancos, acreanos, vieram se unir a Soeiro, ou seguir seu exemplo. Era ótimo não pagar renda nem descontar a quebra. Todos resolveram não entregar a borracha ao patrão e lutar pela livre comercialização.

REPRESSÃO

Já se tinham passado sete meses desde a primeira safra independente e os índios tinham conseguido remédios, padre e três professoras. O movimento ia de vento em popa, tomando corpo. Mas, os donos da região não podiam permitir que isso acontecesse, e puseram mãos à obra para desmantelar a tentativa dos índios e dos outros brasileiros rurais se libertarem. Primeiro, veio o boicote econômico: a última safra de Soeiro, 4.100 Kg de borracha, foi "pesada" pelo comerciante de Tarauacá em apenas 3.600 Kg. Os outros comerciantes negaram-se a fornecer mercadorias. O chefe Vicente Sabóia teve sua borracha apreendida, junto com os mantimentos que adquirira. A coisa foi num crescendo, desde acusações de que Soeiro plantava maconha em suas roças de mandioca até ameaças de morte contra o pessoal que ajudava os indígenas.

Os Caxinauás não podiam ficar parados, e não ficaram. Foram à Ajudância da FUNAI em Rio Branco, mas só conseguiram ser proibidos de viajar a Brasília e ao Rio para denunciarem às autoridades e à população as violências de que estavam sendo vítimas, sob a alegação de que "índio não pode viajar, é ruim para índio".

Proibiram-nos inclusive de reclamar, e até de ir à imprensa. Foi a Comissão Pró-Índio que conseguiu recursos e passagens para a viagem.

AS DENÚNCIAS

Para dizer tudo isso, para dar a conhecer às populações do Sul as condições quase inconcebíveis de exploração sob as quais são obrigadas a viver (e que não diferem muito das condições de vida do resto da população rural do Brasil) é que Alfredo Soeiro e Vicente Saboia cobriram os muitos quilômetros de Tarauacá ao Rio de Janeiro. Para dizer a todo mundo que suas terras são invadidas, depredadas e despojadas de suas riquezas; que suas roças, suas casas, são destruídas; que as mulheres da tribo, devido às péssimas condições econômicas, são obrigadas a abandonar suas funções de responsáveis pela vida cultural e doméstica do grupo e pela alimentação de todos (entre os índios Caxinauás, a agricultura é uma atribuição basicamente feminina), para "ir à luta", trabalhando como empregadas domésticas por um salário de quinquilharias, roupas velhas ou alimentos, ou como prostitutas, sendo encontradas em bordéis de beira de estrada meninas índias de até 13 anos de idade.

Para tornar bem clara a conivência oficial com toda a situação, para dizer em voz bem alta que o BASA (Banco da Amazônia) financia os seringalistas para que estes possam explorar áreas indígenas; que a COBAL, que deveria vender mantimentos, só os vende aos empresários financiados pelo governo; que a FUNAI fornece documentos atestando a não-existência de índios, necessários para a obtenção de qualquer financiamento em áreas próximas de reservas indígenas, para terras que já foram até delimitadas pela própria FUNAI (mas, logicamente, não demarcadas); que os índios são deixados ao deus-dará, sem qualquer assistência médica, educacional ou econômica; que a corrupção grassa desenfreada, com subservientes Prefeitos e delegados de polícia a serviço dos latifundiários, chegando-se ao ponto de o maior senhor de terra da área ser irmão do gerente do BASA em Tarauacá.

Para dizer tudo isso e para buscar uma garantia, mínima que seja, de que poderão voltar e trabalhar em suas terras, é que os chefes Caxinauás vieram até o Sul. E como o terrorismo de cá não deixou que eles falassem do terrorismo de lá, que ao menos sua história seja lida e contada, e espalhada por todos, pois é a história comum dos trabalhadores rurais que fazem a tão decantada "riqueza do Brasil".

Beatriz Medina

Aritana, um símbolo

Este é Aritana: não o da novela, mas o verdadeiro, um dos chefes índios — Raoni e Juruna são dois outros — que travam uma luta desesperada, no Parque Nacional do Xingu, para manter a identidade cultural do seu povo, ameaçada por todo o tipo de interesses excusos. O texto de Beatriz Medina que publicamos nesta página dá uma idéia de como esta luta é difícil. Se os simpatizantes da causa índia, em seu próprio meio, contam com dificuldades desse tipo, imagine-se o que enfrentam Aritana, Raoni, Juruna e outros em sua batalha para preservar o que ainda resta do seu povo. A campanha pela demarcação das terras dos índios, iniciada de modo bastante tímido, cresceu muito nas últimas semanas. Já se vê, em cidades como Rio e São Paulo, muitos automóveis que ostentam em seus pára-brisas o adesivo da Comissão Pró-Indio que pede essa demarcação. LAMPIÃO, um jornal de minorias, reafirma, aqui, sua posição nesta campanha: que se cumpram os acordos e promessas, garantindo a terra dos índios brasileiros.

A ambiguidade da fantasia

Uma estrela nasceu. Chama-se Flávio Ferraz, o autor do quadro acima, que com a atual exposição na Galeria Eucatexpo, do Rio, lança-se em grande estilo no circuito de arte nacional. Flávio é um mineiro extrovertido e alegre, que gosta de viajar e conhecer gente. Ele já expôs em São Paulo, Santos, Juiz de Fora e Belo Horizonte, mas acredita que é com esta apresentação individual no Rio que terá direito a ver seu nome em destaque no chamado mercado de arte. O artista é de São João Nepomuceno e na sua terra é o principal animador do carnaval local, organizando desde a decoração das ruas até o desfile das escolas de samba. Sua pintura está de certa forma ligada às festas carnavalescas, pois as figuras por ele criadas têm a ambigüidade de seres fantasiados; elas são uma mistura de Hermes e Afrodite, embora não sejam tipicamente hermafroditas, e lembram ainda Oxumarê, aquela divindade afro-brasileira que é seis meses homem e seis meses mulher. Aliás, um dos quadros mais bonitos da exposição é o que mostra Oxumarê passando por baixo do arco-íris e mudando de sexo. Flávio pinta sobre lixa, o que produz uma transparência e uma luminosidade incríveis em cada um de seus trabalhos. Não deixem de ir à Eucatexpo, na Av. Princesa Isabel, 350 (sobreloja). A exposição fica aberta até o dia 14 de maio.

Francisco Bittencourt

A quem interessar possa

Apesar de, durante muito tempo, termos apenas uma carta de memória para algum dia mandar ao jornal;
Apesar de, durante muito tempo, termos apenas comprado o também nosso jornal — e tentado divulgá-lo entre os mais próximos;
Apesar de, durante muito tempo, termos adiado o desejo de encontrar algumas mulheres para conversar sobre nós;
Apesar do nosso medo, receio de nos expor.
Há pesar de nossa ausência num veículo de discussão, de debate e de circulação de idéias de uma questão sempre restrita às páginas policiais — ou, quando tratada "seriamente", sempre etiquetada de secundária.
Por isso, apesar de... nós, um grupo de mulheres homossexuais, conseguirmos arranjar um tempinho (sempre se arranja, né?) para falar e escrever sobre a nossa homossexualidade.
É evidente que a sua (ainda) ausência já se fez sentir. Contudo, acreditamos que você vai se sensibilizar não apenas com o nosso esforço mas principalmente porque vai ter coisas mis a dizer, a discutir e... dará as cartas.
Nós estamos chegando atrasadas no Lampião. *Mas...*

Nós (também) estamos aí

Como você sabe, depois de um ano de existência do jornal, é a primeira vez que viemos dar nossa contribuição. Adiantamos que é brincadeira do seu vizinho, do seu primo ou daquela amiga, dizer que aparecemos porque nós, mulheres, adoramos festinhas de aniversário. Quer dizer, de festa nós gostamos e muito, mas garantimos que não foi por isso. Vamos nos conhecer e você verá.

Nós estamos chegando atrasadas e não é apenas porque o **Lampião** já tem um ano, já anda, fala muita coisa, balbucia outro tanto. Nós estamos atrasados porque existimos, mas sempre abdicamos de existir. Existimos nos cochichos, nos bochichos, em algum barzinho, em algumas boates, n'alguma cama com algum corpo, nas fantasias e sonhações que, na maioria das vezes, arquivamos desde sempre.

Nós estamos atrasadas porque temos medo, receio, cagaço mesmo de viver o que somos. Porque não construímos o espaço do nosso viver. Porque vivemos na cladestinidade. Nós estamos atrasadas, mas não queremos fazer isso virar um **mea culpa**, um muro de lamentações.

Sabemos e conhecemos a existência da repressão. E não falamos apenas daquela do camburão, do cassetete, da bomba de gás. Falamos daquela que está presente nas nossas relações na família, no emprego, com os amigos, na escola. Falamos da repressão que, pelos mais variados mecanismos — meios de comunicação, educação, religião, etc. —, nos diz o que somos ou devemos ser, querer, desejar, na tentativa de nos amoldar. Diz o que é natural, normal, certo, justo e bom para nós mulheres.

Nos diz, ainda, quais são os valores que devem reger nossa conduta, o nosso comportamento, os nossos desejos. Nos diz, enfim, que, para o bem da ordem, é necessário calar, sufocar, sob pena de...

A repressão pespassa todas as esferas do nosso existir. O fato de sermos mulheres homossexuais duplica a repressão. Além de mulher, ser homossexual é muito, né? Quer ver muito mais? Mulher, negra, homossexual. Quer ver mais?

Nós estamos atrasadas porque os valores garantidos pelos esquemas repressivos têm conseguido um desempenho eficaz. Nós estamos atrasadas porque eu, você, aquele ali, aquela outra, nós enfim, também assimilamos essa repressão toda. Nós estamos atrasadas... mas nos propondo, na atualidade e parafraseando Caetano, a — meter o cotovelo e ir abrindo caminho. O tempo passa, mas na raça nós chegamos lá. As coisas têm de mudar...

(Acabamos de ter uma alucinação democrática).

Nós estamos atrasadas, mas ninguém melhor do que nós para lutar contra a opressão a que estamos submetidas. Já lemos n'algum lugar: "ninguém melhor do quê o oprimido para lutar contra sua opressão".

Assim, pelo que tudo indica, chegamos em momento oportuno. Maio — mês das noivas, mês das mães. Nesse mês de tanta exaltação, nós viemos mostrar a nossa feição pública. Veja se nos sairemos bem em meio a tanta exaltação. Falaremos, d'agora em diante, pomposamente.

TUDO POR DIZER

Pela primeira vez na história deste país, um grupo de mulheres se reúne para falar e escrever acerca de sua homossexualidade. Aquelas mulheres sempre esquecidas, negadas e renegadas, exatamente por não se submeterem aos papéis que a sociedade machista impõe como seus papéis naturais, no mês consagrado por essa mesma sociedade à função "sublime" da mulher, pedem a palavra e descem o verbo.

É a primeira vez, sim senhora. Pode procurar em toda a sua memória, pode consultar o que e a quem você quiser.

Os jornais e movimentos feministas, no Brasil nunca tocaram no assunto. A formulação mais avançada das feministas, que está na **Carta dos Direitos de Mulher,** diz que a sexualidade feminina não deve ser vista apenas como a serviço da reproducão. Quer dizer: nos comporta, mas não refresca muito.

Aquela matéria do jornal **Repórter** leva alguém desavisado a acreditar que homossexualismo feminino é aquilo ali. É uma matéria que reforça toda a ideologia machista (que algumas mulheres, evidentemente, também assumem) ao apresentar a divisão dos papéis sexuais. Sempre tem alguém que quer ser o machão e sempre tem alguém que quer ser a mulherzinha-bonequinha-submissa-dona-de-casa-chefe de fogão. O que é visível na matéria é a relação de poder; a relação de denominação e subordinação. Reduzir o homossexualismo feminino àquela "amostragem ilustrativa" revela, na melhor das hipóteses, um conhecimento bem superficial do assunto.

Uma questão extremamente importante que não é tocada nem de leve — e diz respeito às relações entre mulheres — é a que se refere a toda uma capacidade inventiva, criativa dessas relações, originada, entre outras coisas, do fato de elas não serem ou estarem institucionalizadas. Nada indica — a não ser a ideologia dominante, que transforma as relações afetivas/amorosas/sexuais em relações de poder, que as mulheres tenham de reproduzir →

relações de dominação e subordinação em suas vivências.

Como se vê, estamos falando atabalhoadamente uma porção de coisas. Isso, contudo, nos parece natural. É a ânsia de quem nunca falou. Nesta primeira tentativa de existir publicamente, se colocou para nós a vontade de abrir, levantar uma série de questionamentos e posicionamentos sobre a homossexualidade feminina. Mas como nós apenas começamos a conversar, o que percebemos, nesses nossos primeiros papos, foi que existem várias maneiras, as mais diversas, de sentir, praticar, viver a homossexualidade. Quase poderíamos dizer (se não fosse exagerar um pouco) que existem tantos homossexualismos quantas mulheres homossexuais. De qualquer forma, é muito difícil apresentar, logo de saída (e nem é nossa intenção), definições, diagnósticos ou coisa que o valha sobre o lesbianismo. Pelo menos se quisermos fugir das afirmações superficiais e até grotescas que ouvimos no dia a dia.

Até onde pudemos constatar, vimos que, se existe alguma coisa de comum às homossexuais, alguma coisa indiscutivelmente presente a todo tempo, essa coisa é a repressão. Por isso resolvemos começar por aí.

Começar procurando entender a repressão que nos cerca e nos envolve. Repressão que se transforma, muitas vezes, em auto-repressão, em auto-negação, em culpa.

Não somos anormais

É mais ou menos óbvio que as pessoas consideram em geral as mulheres homossexuais unicamente em função de sua vida sexual. E a primeira pergunta que surge é sempre: "Mas o que duas mulheres podem fazer na cama"? Equivale a dizer: "Como elas podem fazer alguma coisa, se lhes falta um elemento essencial"? É engraçado como o sexo entre mulheres é invariavelmente conduzido para o único elemento que não tem nada a ver — um apêndice masculino, o pênis. Não é por outra razão que muitos homens, com um gesto vulgar, segurando seus órgãos sexuais como um pacote, manifestam freqüentemeente: "Elas estão precisando é disso".

Não é. Aliás, de machos não precisam nem mesmo as mulheres heterossexuais, que abominam cada vez mais os companheiros brutos e mandões. Mas é preciso admitir que, até recentemente, sexo não era sinônimo de experiência sensual, emocional, manifestação de prazer. Guardadas para os filmes e os romances, essas dimensões da vida humana não eram admitidas no cotidiano: sexo devia servir só para fazer filhos. E já que a reprodução exige um pênis, nada mais simples do que achar que toda relação sexual não podia passar sem esse apêndice.

Até mesmo os pioneiros das pesquisas sobre sexo, que viveram no fim do século passado, não conseguiam separar suas conclusões científicas das opiniões generalizadas na sociedade. Um deles, Richard Krafft-Ebing, escreveu: "Toda expressão do instinto sexual que não corresponda às finalidades da Natureza, isto é, à reprodução, deve ser considerada pervertida". Ninguém ousou negar isso, nem os médicos da época. E sabiam por quê. Afinal, até hoje, a Igreja não é contra os anticoncepcionais? Exatamente porque liberam o sexo para o prazer? Freud sabia que ia ser criticado quando escreveu, falando a seus colegas: "Se vocês consideram a função da reprodução como o núcleo da sexualidade, arriscam-se a excluir dela coisas como a masturbação e até mesmo o beijo, que não são orientados para a reprodução".

Freud arriscou sua reputação. E o mesmo fez Alfred C. Kinsey, responsável pelas primeiras grandes pesquisas sobre sexualidade nos Estados Unidos — publicadas em 1948 e 1953. Kinsey quase foi expulso da Universidade de Indiana, onde trabalhava — e isso faz apenas 25 anos. Desde então, as pesquisas se multiplicaram em toda parte. E se ainda há pessoas e instituições que julgam esses trabalhos "imorais" (como aconteceu recentemente no Brasil, com o **Relatório Hite**, sobre a sexualidade feminina, que foi censurado por "atentado à moral e aos bons costumes"), a atitude geral está mudando. Pelo menos, já não há tantas pessoas que consideram a relação sexual unicamente como um meio de reproduzir a espécie. E os livros que tratam de sexo, em geral os mais vendidos, recomendam que o negócio é experimentar. Todo mundo é vivamente encorajado a fazer experiências: é saudável! Viva a liberdade! Todo mundo, menos os homossexuais.

UM VERDADEIRO FLAGELO?

De todas as conclusões de Kinsey, as que provocaram as reações mais violentas foram as que tratavam do homossexualismo. Os pesquisadores da equipe não só concluíam que o número de homossexuais nos Estados Unidos era infinitamente maior do que se pensava, mas também declarava que, do ponto de vista biológico, a prática homossexual não é uma anormalidade, uma anomalia. Um psicanalista da época, que Deus o tenha, ficou impressionadíssimo com os dados. Edmund Bergler, que denunciava violentamente o homossexualismo como uma doença perigosa, concluiu então: se os números revelados por Kinsey eram certos, o homossexualismo devia ser considerado "O flagelo nacional dominante, ultrapassando em número o câncer, a tuberculose, o enfarte e a paralisia infantil"...

E, como não podia deixar de ser, Bergler logo manifestou sua preocupação: "As conclusões psicológicas erradas de Kinsey concernentes à homossexualidade serão utilizadas no exterior para fins políticos e de propaganda contra os Estados Unidos, estigmatizando a nação inteira numa campanha de insinuações caluniosas". Pois esse mesmo pensamento foi utilizado no Brasil para justificar a censura prévia à imprensa, por meio do Decreto-Lei 1077. E é também a mesma idéia que vem norteando a perseguição à imprensa que começa a falar de sexo: censura às revistas masculinas; apreensão do jornal **Repórter** contendo a matéria sobre lésbicas; processo contra jornalistas de **Isto é** que fizeram matéria sobre homossexualismo; processo contra Celso Curi, por causa da sua "Coluna do Meio"; processo contra o **Lampião**...

Dá pra ver que a atitude diante do sexo entre homens e mulheres se modificou. Mas quase nada mudou em relação à homossexualidade. Apesar da controvérsia existente entre médicos, pesquisadores e psiquiatras sobre se a homossexualidade é ou não uma doença psicológica, a maioria das pessoas continua achando que é doença, é anormal, é pecado, uma tremenda imoralidade.

Nenhuma obra recente destinada à divulgação de conhecimentos sobre sexo exprimiu mais violentamente essa opinião do que a do psiquiatra americano David Reuben. Em **Tudo que você queria saber sexo,** ele trata do homossexualismo feminino no capítulo destinado à prostituição. Também ele pergunta o que fazem as lésbicas quando estão juntas. E responde: "Assim como um pênis mais um pênis não dá em nada, uma vagina mais uma vagina também não dá em nada". Mas, ao contrário do que pensa Reuben, o homossexualismo dá em alguma coisa:
— exatamente no que ele considera um aspecto essencial a toda forma de relação sexual!

MUITO PRAZER

Orgasmo feminino sempre foi um caso sério. Até o início deste século, a própria existência do orgasmo feminino não era oficialmente reconhecida. É claro que algumas mulheres sentiam prazer na relação sexual e gozavam, mas não podiam falar nisso; principalmente a um homem — o médico — que não era o seu marido. Como diz Krafft-Ebing: "Se ela (a mulher) é normal no plano físico e psíquico e se recebeu educação conveniente, ela tem uma sexualidade extremamente limitada... permanece passiva. Sua conformação sexual o exige e as regras da boa educação vêm em sua ajuda". Vejam voces!

Mas Freud sabia dos orgasmos femininos. Tanto que propôs uma classificação para eles: orgasmos vaginais, que seriam maduros, adultos; e orgasmos clitorianos, que seriam imaturos. Boa parte da literatura sobre homossexualismo, mesmo a menos obscurantista como o livro do padre francês Marc Oraison, ainda traz esse conceito. Os homossexuais seriam pessoas que, chegando à idade adulta em todos os níveis, apresentariam uma sexualidade infantil, ou, em outras palavras, retardada.

Acontece que, em meados dos anos 60, os fisiologistas declararam que o orgasmo vaginal não existia, estabelecendo sua conclusão sobre a seguinte realidade anatômica: as terminações nervosas das paredes vaginais são muito pouco numerosas, insuficientes para provocar o orgasmo. Atribui-se geralmente a descoberta a dois pesquisadores americanos, Masters & Johnson. Mas Kinsey também havia dito: "O orgasmo vaginal é uma impossibilidade biológica". É claro que logo se procurou desmentir isso. Afinal, seria uma tremenda crise de consciência em todos os níveis se a sociedade fosse obrigada a reconhecer que a única forma de ato sexual considerada legítima, perfeita e normal — o coito

→

— era insatisfatória para as mulheres. Para todas as mulheres do mundo!

Mas os fisiologistas foram categóricos: é verdade que os espasmos resultantes do orgasmo se localizam na vagina. Mais especificamente, no terço inferior da vagina. Mas destacaram: esses espasmos podem ser provocados de diversas maneiras que nada têm a ver com a vagina. Eles podem até se originar de fantasias... Por isso, os psiquiatras começaram a aconselhar os homens a deixar de lado o machismo, a mania do uísque antes e um cigarro cinco minutos depois, para descobrir as verdadeiras fontes do prazer feminino Kinsey chegou mesmo a dizer: "As relações heterossexuais poderiam ser mais satisfatórias se os homens se valessem com mais freqüência dos conhecimentos particulares da anatomia sexual e da psicologia feminina que possuem a maioria das lésbicas".

Que conhecimento é esse? Os fisiologistas respondem: a mulher prefere uma estimulação muito mais generalizada, que se estende a todas as partes do corpo. Portanto, o que as lésbicas conhecem é o mecanismo de seu próprio corpo (coisa que nem todas as mulheres conhecem).

As lésbicas, portanto, têm muito o que fazer na cama. As técnicas individuais variam, em função da sexualidade de cada pessoa. Muitos homens conhecem essas técnicas e outros parecem dispostos a aprender, mas não há por que dizer que o orgasmo da mulher não pode ser atingido sem o concurso do pênis. O orgasmo que se produz durante uma relação sexual entre duas mulheres não é diferente, fisiologicamente, do que se produz numa relação homem-mulher.

ENTÃO, QUAL É?

Parece óbvio que, se a maioria das pessoas ainda hoje chega a compreender a relação homossexual, a razão disso ainda está em considerar a sexualidade como função unicamente reprodutiva. Se até se põe em dúvida, hoje em dia, se o orgasmo do homem é ou não essencial à reprodução, porque não pensar um pouco mais nessa questão? A despeito de chuvas e trovoadas, já se chegou à conclusão de que sexo é também prazer (mais prazer do que reprodução, já que a freqüência do coito não corresponde ao número de filhos em cada família, claro). Por que, então, esse prazer deve ser negado aos homossexuais?

Qualquer pessoa, fora alguns homossexuais e alguns cientistas, têm essa resposta na ponta da língua: "Porque é contra a natureza". Os homossexuais carregam uma enorme carga de culpa por causa desse tipo de conceito. No momento de se definirem sexualmente, como suas preferências são diferentes das da maioria, ou caem no rol dos pecadores ou caem no rol dos doentes (quando não juntam as duas coisas e não são perseguidos ou denunciados como criminosos). Mas acontece que a Natureza é o que é, não está certa nem errada. E, infelizmente para os preconceituosos e mal informados, não existe em todas as espécies vivas um instinto sexual, uma pulsão natural que conduza necessariamente a fêmea ao macho e vice-versa. Isso existe, sim, nos degraus mais baixos da escala evolutiva — como é o caso de certos insetos que se atraem mutuamente pelos odores que exalam.

Basta passar algum tempo numa fazenda ou olhar pelas ruas os animais domésticos para constatar que entre eles existem relações homossexuais. Numerosos estudos feitos com chimpanzés e macacos demonstram que a pulsão sexual desses animais é instintiva e inata, mas sua canalização para um comportamento heterossexual **não é**. Claro, os macacos não são seres humanos, mas, como diz um famoso pesquisador americano, Frank R. Beach: "É difícil de acreditar, levando-se em conta os dados fundamentais da evolução, que um comportamento que aparece com grande regularidade em quase todos os mamíferos e, em particular entre os primatas, seja uma anomalia completamente aberrante em nossa própria espécie". Freud, que não observava animais, constatou que as reações eróticas das crianças não apresentam uma pulsão exclusivamente heterossexual. Ele explica que as crianças são capazes de reagir sexualmente a todo tipo de objetos, inclusive pessoas de seu próprio sexo, "porque suas barreiras mentais — vegonha, nojo, moralidade — ainda não foram ou estão sendo construídas". Está claro que quem acha a relação sexual entre mulheres anormal não vai reconhecer as provas biológicas. Para essas pessoas, o homossexualismo é imoral, o que é muito diferente...

Então, por que tanta repressão?

*"É mais fácil ser lésbica do que ser bicha", diz muita gente, porque mulheres podem se dar as mãos na rua, até andar de braço dado; porque as famílias permitem que as meninas durmam com as amiguinhas, enquanto isso é proibido aos meninos. A expressão da homossexualidade, entretanto, é sempre difícil. Mas parece evidente que os homossexuais já conquistaram mais amplos espaços do que as mulheres homossexuais. Pelo menos espaço público. Está aí o **Lampião**, que não nos deixa mentir: só depois de um ano de batalha, à exceção de algumas cartas, as mulheres homossexuais começam a aparecer. Repressão é repressão, tem várias formas de se manifestar e é sentida diferentemente pelas pessoas. Nós não queremos dizer que sofremos mais do que os homens por causa da nossa condição de mulheres e de nossa preferência sexual (temos nossas contrapartidas, é preciso não esquecer). Escolhemos dois depoimentos para ilustrar como a repressão pode atuar na vida das mulheres homossexuais. São duas histórias de vida.*

M. 26 anos, secretária e estudante (USP)

Tive uma formação sexual muito reprimida. Com 14 anos, não tinha tido nenhuma experiência. Meu primeiro beijo foi com um homem, aos 13 anos e muito às escondidas. Aos 14 me apaixonei por um rapaz. Fui altamentente reprimida por minha mãe, que me impediu de vê-lo. Acabei perdendo contato com ele. Aos 15 anos estava curtindo bailes na mais alta sociedade, sempre sendo levada por minha mãe, que ficava lá, presente, até o fim. Isso me reprimia e também me envergonhava. A vigilância da minha virgindade era constante e severa.

Foi em 1968, com 15 anos, que conheci Miriam, na escola, onde aos poucos fomos nos tornando amigas. Ela vivia lendo, estudando música, entendendo de política e curtindo outras experiências — e eu entrei em choque com o que vivia: aquilo não me agradava, mas eu não via outra saída. Afinal, todas as meninas faziam isso naquela época: iam a bailes, arrumavam namorados e acabavam se casando. Eu tinha uma vontade muito grande de transar, mas o medo era maior; tinha vergonha de ser virgem e também verdadeiro pavor de ficar grávida. Minha amizade com Miriam tornou-se mais intensa; íamos à escola juntas, estudávamos na mesma classe, voltávamos juntas para casa, passávamos toda tarde vendo televisão, bebericando. Nosso problema de solidão havia se esgotado, éramos companheiras inseparáveis.

No final de 1969, com tanto convívio, começamos a ficar cada vez mais próximas uma da outra — nos acariciávamos, nos excitávamos profundamente e uma tarde ela me beijou, sem maiores problemas de consciência. Esse beijo nos alucinou, mas só o que aumentou foram os carinhos. Passamos a ficar mais carinhosas uma com a outra e eu achava que não estava me envolvendo emocionalmente. Sabia que gostava muito dela, mas achava que nunca me apaixonaria por uma mulher, porque isso não era certo, ou possível. Parece que tinha encontrado a situação ideal: praticar sexo sem engravidar e sem que ninguém viesse me reprimir, pois éramos amigas e isso até que minha família gostava.

Num certo sentido, eu a estava usando para minha própria satisfação, mas isso não me grilava, pois eu também me sentia usada; era uma troca o que fazíamos. Não tive o menor problema de consciência; sabia que a coisa não pararia aí, mas também achava que nunca ninguém descobriria. Até que a mãe dela nos viu. Nós só nos beijávamos, mas foi o suficiente para sermos chamadas de lésbicas e começaram os discursos. Resolvemos então, parar com aquele tipo de brincadeira, porque era algo errado, que não levaria a nada; e porque a mãe dela andava querendo até morrer por causa disso. Fizemos um trato de não mais nos tocarmos. Parecia um trato muito sério e que ia funcionar. Mas não passou nem uma hora — acabamos achando que não tinha nada a ver e recomeçamos tudo.

Algumas tardes depois, sem nunca termos visto ninguém transar, sem nem saber como era, sem nunca termos tido nenhuma informação sobre lesbianismo, começamos a fazer. Foi delirante. O sexo nos levava ao auge da satisfação. Começamos uma transa constante. Não me lembro de em nenhum instante ter sentido remorso, sentimento de culpa ou de ter me achado a única no mundo. Nada disso me ocorreu. Sempre achei que todo mundo tinha direito à liberdade; também não me qüestionava sobre o assunto. Só deixava as coisas irem acontecendo.

Tomamos bem poucas precauções para que ninguém soubesse. Estávamos nos amando e isso era tudo. Sendo assim, logo descobriram. Foi um desastre. Com 17 anos tive de começar a enfrentar todo tipo de repressão. Desde tentativas (inúteis) das famílias de nos separar enquanto amigas até tirar-me da escola, xingamentos, prisão domiciliar, vigilância no telefone e por aí a fora. Sempre demos um jeito de nos ver. Ao invés de nos separarmos, fomos nos unindo cada vez mais. Eu estava apaixonada e não me interessava mais por homens. Tínhamos uma luta muito grande pela frente e eu era completamente dependente da minha família.

Além das repressões morais sofridas, houve vários ataques físicos: minha mãe tentou me enforcar e só não conseguiu porque não teve força suficiente nas mãos; meu pai chegou a colocar uma faca na minha garganta, durante uma discussão que tivemos, apanhei muito, até ficar com o rosto todo machucado. Quando eu quis ir embora de casa, minha mãe me levou presa, alegando para o delegado que eu ia levar uma menor de idade junto comigo: eu tinha feito 18 anos e a Miriam tinha 16. Fomos também expulsas da escola onde fazíamos o 1º colegial.

→

Mas a repressão familiar foi sempre a pior. A cada dia a coisa se tornava mais rigorosa, um completo massacre. Eu era constantemente expulsa de casa, com a célebre frase: "Se quiser ter sua liberdade, será dessa porta para fora. Filha minha que sair de casa eu não vou nem ligar; será como se ela tivesse morrido". De tanto ouvir isso, resolvir ir embora em 1971. Desde o início desse ano eu havia começado a trabalhar — não era registrada e ganhava salário mínimo. Eu não tinha necessidade de trabalhar, mas eles me colocaram lá para tentar me afastar da companhia da Miriam. Como nós duas estivéssemos sem estudar, resolvemos fazer um curso de inglês, muito às escondidas da família, para que pudéssemos nos encontrar. Com o tempo, descobrimos que estávamos sendo vigiadas — pela minha mãe e por uma pessoa que havia sido colocada para nos seguir e contar onde e quando nos encontrávamos. Estávamos cercadas.

Durante uma semana inteira, passei a sair vestida com várias roupas, uma sobre a outra, sem que ninguém em casa percebesse. Quando achei que tinha o suficiente, fui embora. A Miriam não podia ir comigo, pois era menor e eu já havia sido presa por isso. Resolvi ir para o Rio de Janeiro — era perto, eu podia vir vê-la sempre, lá havia gente conhecida, que poderia me agüentar até arrumar emprego. Com 18 anos, sem profissão, com uma carteira profissional sem registro, com 380 cruzeiros no bolso. Estava convicta de nosso amor e convicta de que a separação da família era definitiva.

Mas meus pais agiram imediatamente. Foram à delegacia e passaram um telex para o Rio: a polícia da cidade deveria mobilizar-se para procurar uma anormal (débil mental) que havia fugido de casa. No dia seguinte, já haviam me localizado e no outro meu pai foi me buscar. Junto, ia um político, para firmar um acordo entre nós, dando sua palavra e a honra da profissão como garantia de que meus pais iam cumprir as concessões que se dispuseram a fazer. Fui logo dizendo que queria ser aceita como eu era, que acabassem as perseguições, que me deixassem ficar com a Miriam, que eu não queria ser internada. etc. Meu pai cedeu no ato. Embora não confiasse em uma só palavra do que havia sido combinado, resolvi voltar. Disposta a não ceder nem um milímetro, se fosse o caso.

Quando cheguei, fui agindo normalmente e e minha vontade era louca de ver a Miriam e falar com ela, mas achei que tudo iria por água abaixo. Fomos nos encontrar quase uma semana depois, assim mesmo com muito medo e às escondidas. Aos poucos fomos aparecendo mais e mais, para testarmos até onde iria a tolerância. E acabamos podendo nos expor completamente. Nunca mais ninguém tocou no assunto. Era e é como se nunca tivesse acontecido nada. Comecei a trabalhar como secretária, voltei a estudar e passamos a não ter mais problemas com as famílias. Meus pais acabaram se apaixonando por ela, consideram-na uma filha, minha mãe a defende de tudo e disse que não queria que nós brigássemos por nada nesse mundo.

T., 22 anos, trabalha em computação, estudante (USP/PUC)

Eu tinha uns 12 ou 13 anos quando descobri minha homossexualidade. Eu só tinha amigas e gostava cada vez mais delas. Eu tinha, hoje sei, grandes paixões. Andava na rua e pensava: "Eu adoro ela; ela tem de me adorar". Mas sabia que ela não podia gostar de mim porque eu era mulher. E comecei a ver que não era como mãe, que era casada, tinha um homem. Aí eu pensava que também precisava ter um namoradinho, como as minhas amigas, que passeavam com eles na escola, na rua, na igreja. Aí pintou a primeira paixão. Eu me masturbava muito. Não tinha prazer, era dor o que sentia, mas não sabia que estava me masturbando. Fazia isso na frente até do meu pai, vendo televisão embaixo de um cobertor. Só muito depois, no hospital, percebi que todo mundo sabia, todo mundo estava sacando e não falava nada.

Foi na televisão que vi essa mulher — ela respondia sobre Kennedy no Programa Silvio Santos. Eu fiz tudo para me aproximar dela, arquitetei um plano, porque ela estava tão distante. Ela estava na televisão, eu, no sofá. Ela era, de repente, uma mulher inteligente, brilhante, a única que eu podia ver, porque à minha volta só havia minha mãe, as professoras, as amigas e não dava para conversar muito com elas. Na escola, eu era a mais alta, a mais inteligente; mas também a menos: era estabanada, tudo caía das minhas mãos, eu não sabia para que lado iam os meus membros. Passei a achar que a minha transa não podia ter nada de físico, tinha de estudar, ser professora, qualquer coisa que dependesse de livros, que eu não precisasse me mover. Além disso, em casa, havia muita pressão para eu estudar. Meu pai foi alfabetizado pela minha professora do 4º ano primário, minha mãe é costureira e aprendeu a ler comigo. Ela me mandava estudar, porque estava me criando não para lavar louça e roupa para homem tão pobre quanto meu pai, mas para casar com um doutor. Não havia nenhuma mulher brilhante que eu conhecesse, nem mesmo nos filmes e novelas da televisão. Quando apareceu essa, eu fui atrás dela.

Decidi responder sobre Santos Dummont na televisão. Meu plano era ficar só uma semana — acabei ficando cinco meses. Nós nos víamos todas as quintas-feiras, conversávamos muito. Ela transava uma mulher, que não saía de perto, não dava nenhuma chance. Ela nunca me falou, mas eu percebi. E percebi também que, se ela podia ter uma transa, eu também podia. Só que não tinha; nem com ela, nem com ninguém. E comecei a me achar sempre mais feia, mais pobre. Quando ela saiu do programa, eu também saí, na semana seguinte. Aí apanhei em casa, porque havia dinheiro na jogada. Mas eu não tinha ido lá para responder, aquilo era só um truque. Eu sempre apanhava quando era criança. Quando estava no primário. No Ginásio, continuei apanhando. Foi quando me apaixonei que percebi a diferença: antes, apanhava para não fazer serviço de casa, porque era estabanada, porque brigava na escola; depois, porque queriam que fizesse serviço de casa, saisse com as meninas, fosse a bailes. Foi quando me aproximei daquela mulher da televisão que eu percebi a diferença: eu não era igual às outras. Continuei a gostar e gostar dela por muito tempo ainda; comecei a ir cada vez mais à igreja, fiquei uma catequista. Mas não confessava e nem contava a ninguém minha paixão — como não tinha sexo, não tinha problema.

Depois, entrei no colégio; voltei a trabalhar (fiquei pouco no primeiro emprego, precisei sair por causa do programa de perguntas e respostas). Em vez de escritório, era acabamento de caixas d'água, numa indústria. Nesse tempo, eu tinha um amigo bicha, com quem podia conversar, contar que estava apaixonada etc... Ele me emprestou algumas revistas em que aprendi uma linguagem de computador. Já tinha ficado famosa na seção, porque era muito jovem, estabanada, mas produzia bem. Meu chefe quis me transferir para o escritório e eu não quis. Ele me levou ao gerente e eu disse que queria trabalhar no computador do controle de qualidade. Aí precisei provar que sabia lidar com aquilo, pois não tinha diploma, tinha aprendido sozinha, com 14 anos. Fiz um teste e comecei a trabalhar com computação. E entrei num colégio técnico para me aperfeiçoar. Aí encontrei minha segunda paixão, Lúcia, uma menina muito rica e muito bonita.

Nesse momento, eu já sabia que havia uma forma de duas mulheres transarem. Não sabia como, mas queria saber. Lúcia e eu ficamos muito amigas e a coisa começou a ficar difícil, porque eu passei a desejar e isso não podia ir bem com a ação na igreja, que para mim era castidade, caridade, pobreza. Aí as dificuldades aparecem em três níveis: na família, meu salário havia triplicado e eu ganhava mais do que meu pai — isso não podia, porque ele tinha uma vida inteira de trabalho e eu era jovem e mulher; na escola, havia a Lúcia; no trabalho, só havia homens no departamento, as mulheres eram faxineiras, digitadoras, os escalões mais baixos. Então, os homens começaram a dizer que eu andava muito masculinizada (minha mãe fazia as roupas largas, para esconder a silhueta); começaram a pôr o meu programa em último lugar para rodar; começaram a mandar todos os problemas para mim. Era a competição; eles queriam que eu saísse de lá.

Foi quando li a **Metamorfose**, de Kafka. Eu havia ganho a obra quase completa dele. Li e comecei a achar que eu era o personagem Gregor Samsa; que eu ia virar barata como ele. Um dia, eu virei mesmo, via meu corpo todo marrom. Fiquei duas semanas sem me levantar da cama, sem falar, nem comer, nem nada. Tinha virado barata. Minha mãe me levou então ao INPS; o clínico geral me mandou para o psiquiatra. No dia da entrevista, ele tratou minha mãe muito mal e eu percebi isso — eu tinha momentos de lucidez e outros em que não sabia de nada. E como até as baratas têm mãe, tive uma crise de violência, xinguei o psiquiatra, quebrei tudo. Ele me deu uns soníferos, eu fiquei três dias dormindo. Mandou minha mãe me levar a outro psiquiatra e eu fui para uma clínica. Foi quando começou o pior da repressão.

O tratamento começou com três semanas de sonoterapia. Depois, tive três sessões de análises, sem falar nada, porque ainda era barata — me levavam em maca, em cadeira de rodas e finalmente aos empurrões, porque o psiquiatra viu que tinha de ser tratamento de choque. Eu não ia falar. Nesse meio tempo havia tratamento com drogas, choques, banho quente e banho frio, etc... Um dia eu falei e o psiquiatra queria que eu voltasse na memória para começar a trabalhar minha crise. A primeira coisa que pintou foi a Lúcia. Só havia ela que precedia a fase do medo de virar barata. O psiquiatra então, sempre muito agressivo, me fez descobrir que eu era homossexual. E me ensinou o que era ser homossexual: era sofrer muito, ficar como eu estava, não ter segurança, não ter amor estável, porque tudo estava contra, ia ser sempre horrível. Ele repetia sempre isso, mesmo que eu dissesse que nunca ia transar com ela, que ela nunca iria morar comigo. Porque para mim a idéia de casamento era muito forte; todo mundo era casado. Também por isso as minhas paixões não precisavam de sexo.

E ele foi me criando uma culpa muito maior com o tratamento, porque dizia que eu não estava doente — eu estava era fingindo tudo aquilo só para não aceitar a minha homossexualidade. Por isso eu tinha virado barata. A questão, então, era: aceitar ou então, optar pela mudança, me livrar da homossexualidade, encontrar afeto com um homem. Optei por deixar de ser homossexual. Ele disse que havia várias formas de chegar a isso. O tratamento dele consistia no seguinte: eu tomava injeções para provocar náuseas, sentir ânsia de vômito; depois, ficava longas horas sentada numa poltrona e ele projetando **slides**. Eram mulheres peladas, de frente, de costas, de perfil. Ele queria que comentasse aquilo. Eu falava dos cabelos, do rosto, do nariz; ele perguntava sobre os seios, o sexo; queria que eu falasse de cada parte que eu não queria ver. E eu não queria porque nunca tinha visto, aquilo tinha implicações com a igreja, etc... Começou a variar os **slides**: ele queria que eu visse aquilo até a indiferença. Mas eu passei a olhar não com naturalidade, com ódio. Tinha ódio que alguém, um homem, estivesse comigo, olhando aquilo que era igual a mim e que nem mesmo eu conhecia. E pedi para parar, comecei a dizer que sofria muito, que era infeliz, que eu não ia transar mesmo.

Aí ele começou a refluir o tratamento. Parou de me dar os comprimidos para causar vômito. Dava soníferos. Eu senti que era pior. Eu odiava o vômito que vinha depois das sessões, mas era um momento em que eu me soltava, cuspia aquilo tudo; com a sonoterapia, tudo ficava guardado, para recomeçar na próxima sessão (três vezes por semana). Uma vez, consegui ficar acordada, apesar da injeção. Primeiro, me bati muito pelas paredes, caí. Mas depois comecei a repassar a coisa, com muito ódio; e a bolar um truque para acabar com aquilo. Comecei a falar exatamente o que ele queria; comecei a comentar as fotos e a posição dele como psiquiatra. Em uma semana as sessões terminaram e eu saí. Ele sabia que eu estava jogando, mas também devia saber, que, se eu jogava com ele, podia jogar com os outros fora dali.

Saí, fui trabalhar de novo; de novo à escola. Já não podia mais ver a Lúcia; fugia dela, porque sentia vontade de vomitar. Não podia me olhar nua, tomando banho. Eu me descobri como mulher e sabia o que era, segundo ele, ser homossexual. Passei a canalizar toda minha energia para o trabalho e continuei as sessões periódicas de análise, por quatro anos. Fiz muitos cursos, conheci muita gente, inclusive uma mulher que se interessou por mim, me ajudou na formação profissional. Ela era homossexual, mas eu nunca transei com ela, nem beijei. Ela queria, mas a cada vez que me falava nisso, eu parava de procurá-la, ficava dois, três meses longe, evitando. Aí essa mulher morreu. Teve uma discussão comigo. Foi suicídio. Ela morreu e se quebrou tudo em mim: família, igreja, escola, trabalho. Se quebrou o meu ódio: eu percebi que a amava e desmoronei. Então, comecei a tentar uma forma de transar para que isso não acontecesse de novo. Nada que eu fizesse, por mais errado que fosse, podia ser tão cruel quanto isso: ela se matar. Decidi transar com um homem.

Aí entrei na faculdade, tinha 17 ou 18 anos. Decidi transar com um homem, mas a primeira mulher que vi lá foi por quem me apaixonei. Tínhamos problemas semelhantes — ela tinha sido estuprada, nunca tinha transado com ninguém. Ficamos um ano eu tratando dela e ela de mim. Até a gente se beijar demorou uns seis meses, outro tanto para a gente transar. Haviam ficado os ranços da nossa história: nós transamos de roupa, só nos roçamos, para não vermos nossos corpos. Demorou muito para a gente tirar a roupa. Cada uma dessas fases era uma conquista dificílima. E eu ficando cada vez mais bruta, com as coisas, com ela. Os grilos não desapareciam. Aí, quando terminamos, comecei outra transação e foi uma volta ao período anterior: será que ser homossexual era mesmo ser infeliz? Até acabar o primeiro caso, eu não sabia, nunca tinha vivido a homossexualidade. E eu estava sofrendo. Aí, quando começou a segunda transação, a coisa despintou. A gente sofre mesmo. Minha mãe sofre, todo mundo sofre. Mas por que eu tinha de sofrer do outro jeito? Isso o psiquiatra não tinha me contado.

Só queremos ser entendidas

Nós Lemos alguns livros sobre homossexualismo. Discutimos, discordamos, criticamos. E achamos um, o de Dolores Kleich, **Femme et femme,** que achamos muito ilustrativo. O prefácio dela mostra como só queremos ser entendidas.

• • •

É só examinar atentamente a atitude diante da homossexualidade feminina ao longo da história para perceber, não há surpresas. Há um monte de teorias contraditórias tentando oferecer uma explicação definitiva para esse fenômeno. Todas por uma ou por outra razão, passam à margem da questão. Mas aparece alguns dados comuns e essenciais que devem ser considerados.

A homossexualidade das mulheres existe e sempre existiu, em todos os povos, em todas as partes do mundo, em todas as épocas. Considera-se geralmente que homossexuais são mulheres cujas tendências amorosas não se satisfazem com homens, segundo as normas da sociedade, mas com mulheres, o que julgado contrário a essas normas;

Com raras exceções, tais tendências sempre foram condenadas. O início da condenação oficial no Ocidente pode ser ligado a Censura religiosa, para a qual o homossexualismo feminino é pecado. Depois, na maioria dos países ocidentais, decreta-se que homossexualismo é crime. Mais tarde, passa a ser considerada uma doença congênita. Agora, existe uma discussão entre psiquiatras e cientistas sobre esse fenômeno: alguns acham que é doença mental; outros acham que é uma possibilidade natural de expressar a sexualidade.

Essa briga é grande porque a maioria dos psiquiatras continuam considerando homossexualidade feminina uma doença, enquanto as pessoas permanecem pensando que é pecado ou crime. Não é por outra razão que, em resposta a condenações tão rigorosas, as homossexuais em geral procuram dissimular suas tendências. Até que começou, em todo o mundo, o movimento dos homossexuais, homens e mulheres, lutando por seus direitos. Eles não esperaram os psiquiatras decidirem suas disputas. Declararam simplesmente que homossexualismo não é doença. E chamaram a atenção para um fato importante: as pesquisas médicas sempre foram feitas com homossexuais em situação especial: pessoas que estavam presas ou internadas em hospitais psiquiátricos, pessoas que procuravam tratamento; pessoas que se reuniam em boates ou bares "entendidos". Quer dizer: as pesquisas sempre se basearam em pessoas visíveis, portanto, que faziam parte de um grupo muito reduzido, não representativo do conjunto dos homossexuais.

Para só citar os Estados Unidos, onde o movimento de libertação dos homossexuais é muito ativo: calcula-se que há cerca de 10 milhões de mulheres homossexuais nesse país. Mas essas mulheres invisíveis, suas vidas e suas atitudes diante da vida continuam desconhecidas. Elas vivem na clandestinidade. Não são doentes, nem prostitutas, nem freqüentadoras de bares entendidos, nem membros de clubes ou associações de lésbicas. E não figuram nas pesquisas médicas ou sociológicas.

Então, é preciso que fique clara uma coisa: nem os movimentos pelos direitos dos homossexuais, que representam um grupo pequeno de homossexuais visíveis, nem os estudos e pesquisas sobre homossexualismo nos oferecem nenhuma explicação definitiva sobre **todas** as mulheres homossexuais. Claro, algumas militantes homossexuais, diante da enorme luta para conseguir a garantia de seus direitos essenciais, tentaram passar uma imagem que sabemos ser falsa: pintaram as relações entre mulheres como sólidos exemplos de felicidade perfeita. Uma imagem tão falsa quanto a dos que consideram as lésbicas pecadoras sem perdão, criminosas que merecem cadeias, doentes que precisam ser curadas. O que há de errado nessas duas atitudes opostas é pensar que as mulheres homossexuais, **todas elas**, são iguais, que devem ser consideradas e julgadas como uma única e mesma mulher. Ora, toda tentativa de classificar milhões de mulheres numa só categoria definitiva despreza o fato de que cada ser humano tem o direito de ser ele mesmo, em função de suas forças e fraquezas pessoais.

Contrariamente à opinião generalizada, as mulheres homossexuais são um grupo extremamente heterogêneo nas sociedades em que vivem. Elas têm em comum a atração por outras mulheres, mas expressam de maneira muito diferentes suas tendências. Mas todo mundo considera as homossexuais unicamente em função de sua vida sexual.

"Cruzes, ela dorme com mulheres!", exclamam. E pronto: ela está identificada, classificada, condenada. O que essa mulher possa ser, fora isso, não tem a menor importância. A menos que esconda sua vida sexual, ela está relegada ao gueto das lésbicas. Não é de estranhar que a maioria das homossexuais evite o gueto, preferindo a clandestinidade, que é o menor dos males.

Mas, vejam bem, isso não é escolha que se apresente! Recusa-se aos que vivem nos guetos o espaço vital necessário para afirmarem abertamente sua identidade completa de seres humanos integrais. E é a mesma coisa para as pessoas que preferem se esconder. O que se precisa é de espaço: as homossexuais não podem pagar tão caro por suas vidas. É preciso compreender, de uma vez por todas, que a condenação global de um ser humano, fundada unicamente sobre uma identidade que lhe é imposta pelo gueto, constitui uma discriminação global, uma violação, uma destruição da natureza humana própria a cada indivíduo. E, portanto, tem de acabar.

Basta observar a história para ver que as sociedades que condenam as mulheres homossexuais infligem a elas tratamentos diversos: às vezes tentaram destruí-las, fazendo-as queimar, enforcar ou guilhotinar. Algumas vezes tentaram curá-las, exigindo que rejeitassem toda forma de erotismo em suas vidas ou então pedindo que se modificassem.

Mas é óbvio que se essas medidas pretendiam impedir que mulheres amassem mulheres, fracassaram. Por isso, é tempo de examinar a situação de forma realista e desistir de encontrar ainda outras medidas que visem a eliminar certas formas de amor humano.

Dolores Kleich termina seu prefácio dizendo: "Não penso que o fato de ser homossexual seja um pecado, um crime ou uma doença. Tenho a profunda convicção de que é um modo de amar, uma possibilidade natural e, como tal, pode ser uma fonte de alegria, de realização mútua, de relações construtivas, mas também de estagnação e até mesmo de destruição". Exatamente como acontecem com as relações heterossexuais. Ela confirma, assim, a sábia conclusão de Simone de Beauvoir: "Como todas as condutas humanas, a homossexualidade conduzirá a desequilíbrio, comédias, frustrações, mentiras, ou, ao contrário, será fonte de experiências fecundas. Depende da maneira como é vivida, se com má-fé, preguiça e inautenticidade ou se lucidamente, com generosidade e liberdade".

É assim que nós queremos ser entendidas. E é assim que nós precisamos começar a nos entender. No nosso entendimento, demos um passo inicial, ao trabalharmos conjuntamente essa matéria para o primeiro aniversário do **Lampião.** Agora, é ver o que acontece.

Grupo Somos — Caixa Postal 22.196 — CEP. 01000 — SP

Pela liberdade de expressão

A Comissão Permanente de Luta Pela Liberdade de Expressão, entidade que funciona no Rio, pretende realizar de 19 a 21 de maio, na sede da Associação de Imprensa do Rio de Janeiro, o I Encontro Nacional pela Liberdade de Expressão. O Encontro — ao qual LAMPIÃO dará a devida cobertura — terá por objetivo reunir os diversos setores da vida artística e intelectual "para debater problemas advindos da ação da Censura e para encaminhar uma tomada de posição nacional das entidades representadas pela Comissão junto à população brasileira na luta pela liberdade de expressão".

*A Comissão congrega atualmente 24 entidades (**vide** lista no final dessa matéria). Ela foi fundada no dia 25 de abril de 1978, a partir do seguinte princípio, exposto no documento que marcou a sua criação:*

"Neste momento, em que a aspiração a uma organização democrática das instituições aparece claramente como o resultado de um consenso nacional, pesa sobre os ombros de todos e de cada um de nós um profundo sentimento de responsabilidade. É inadmissível uma institucionalização democrática que tenha como condição a insegurança, o silenciamento ou a omissão forçada do cidadão, do artista, do intelectual. A democracia não pode conviver com a negação da variedade e da complexidade dos valores, implícitas no próprio conceito de Cultura. Repudiamos um progresso que não tenha por base, obrigatoriamente, o respeito à divergência de opiniões, à ampla circulação de informações e conhecimentos e à livre manifestação do pensamento."

Ao longo dos seus doze meses de vida, a Comissão procurou trabalhar de modo coerente com esta tomada de posição inicial. Foi isso o que a levou, no início desse ano, a se pronunciar, em nota oficial, contra as pressões então registradas contra LAMPIÃO da Esquina, vítima de um inquérito policial cujo objetivo mais primário era intimidar seus editores e forçá-los — através da criação de todo tipo de dificuldades — a desistir de fazer o jornal.

Como aconteceu no caso de LAMPIÃO, a Comissão Permanente de Luta Pela Liberdade de Expressão denunciou, nestes doze meses, cada ato de cerceamento da liberdade de expressão. Assim, as atas de suas reuniões semanais servirão, no futuro, para documentar uma das fases mais difíceis por que passou a cultura nacional em sua luta constante pela liberdade de expressão. Seu trabalho foi importante, inclusive, porque a Comissão "buscou sedimentar uma coesão entre os diversos setores nela representados, canalizando-os para uma ação una, coerente e decidida frente ao problema dg liberdade de expressão".

*Fazem parte da CPLLE as seguintes entidades: Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões — do Rio e de São Paulo; Associação dos Atores em Dublagem, Cine, Rádio, TV, Propaganda e Imprensa; Associação dos Tradutores Teatrais do Rio Grande do Sul; Associação dos Trabalhadores em Teatro e Dança do Estado da Bahia; Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos Teatrais; Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos do Estado do Paraná; Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos do Estado do Rio Grande do Sul; **idem** de Minas Gerais; Associação Brasileira de Cineastas; Associação dos Produtores de Espetáculos Teatrais do Estado de São Paulo; Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro; Associação Brasileira de Teatro de Bonecos; Federação de Teatro Independente do Rio de Janeiro; Associação Brasileira de Artistas Plásticos Profissionais; Conselho Nacional de Cineclubes; Federação dos Cineclubes do Estado do Rio de Janeiro; Associação Brasileira de Documentaristas; Centro Acadêmico da Escola de Belas-Artes; Associação Nacional de Livrarias; Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, e Sindicato Nacional de Editores.*

BADALO

Da Colômbia para o mundo

Las Mujeres é uma publicação colombiana (Apartado Aéreo, 5715, Medellin), cuja finalidade é "publicar artigos que se refiram à mulher como sujeito participante da organização social, por pessoas ou grupos interessados nesta refelexão". Um periódico que questiona a condição feminina, em todos ós níveis, desde a maternidade até a homossexualidade, passando pelo aborto e por vários temas que conscientezem a problemática sócio-política da mulher. Segue a tradução de um artigo e de um depoimento publicados no nº 4, de outubro de 1978.

O DENTRO — O FORA

O homem é rueiro, audaz e forte, diz o senso comum. A mulher é caseira, assustada e frágil, responde o senso comum em seu monólogo. A casa é da mulher. A rua é do homem e das mulheres perdidas.

Esta divisão que coloca o homem "fora" e a mulher dentro é a posição social mais genérica, correspondendo à primitiva divisão chamada sexual, e equivalendo a uma atribuição de funções e de carcterísticas legitimadas de tal maneira que pareceram leis naturais.

O "dentro" é o espaço da família, a intimidade, o privado, o afeto. O "fora" é o espaço público, a história, o objetivo. No "dentro" tem a mulher seu lugar apropriado: mesmo agora em que o "externo" começa a atraí-la, o "interno" continua pregado nela como se fosse um prolongamento de sua natureza.

A casa, o doméstico, o privado são outorgados à mulher pelo senso comum na mesma medida em que lhe são a debilidade, a ternura, a compeensão, a falta de imaginação, a beleza etc,. etc., valores secundários, de pouco peso social e histórico, não obstante as declarações que se façam sobre a família ou a mãe.

Enquanto que para as mulheres, ganhar o espaço de "fora" significa uma conquista, para os homens ter que ocupar um lugar no doméstico, diferente do que ele ocupa, é degradante, motivo de zombarias e chacotas cruéis.

Assim, pois, a mulher que esperava a conquista desse "fora" como sinal de sua liberação, percebeu, ainda que seu espaço de movimento se tenha ampliado, ainda que pudesse ocupar lugares vedados para ela, que continua ligada — como por um cordão umbilical — ao que se considera SUA função, SUAS características femininas:

A "conquista" do "fora" não significou realmente mais do que a dupla jornada de trabalho e todo um dilúvio de discursos que a chamavam a não perder seu lugar nem suas características femininas, essas que a fazem sombra delicada, sombra terna, bela, compreensiva, secundária.

Há algo que ofereça menos dúvida ao senso comum (ainda naqueles casos em que se mostra disposto a duvidar de tudo) que o caráter nitidamente feminino da dona-de-casa? DUVIDO. O reino do lar continua sendo um reino essencialmente feminino e, para o senso comum, ser mulher e assumir este lugar é a mesma coisa.

Dessa maneira, ainda que o mundo moderno tenha desenvolvido sua democracia até proclamar aos quatro ventos que tudo o que fazem os homens pode ser feito pelas mulheres, ainda não se ouve a afirmação inversa.

DEPOIMENTO

(...) Meu medo cresceu junto comigo, aumentou a cada ano, mas explodiu em rebeldia. Meu medo continuava, mas como raiva. Talvez tenha sido isso que não me tenha permitido identificar-me com o modelo de mulher que me propunham e impunham. Hoje entendo que estou num mundo criado por e para os homens que me designam um lugar escuro, fechado, privado: a casa mesmo que nos deixem usar calças compridas para ir à universidade e ao trabalho. Não consigo acostumar-me a isso. Não conseguiram me acostumar nem em minha infância nem em minha adolescência. Só conseguiram me encher de medo e raiva. (Comentário e tradução: **Leila Miccolis**).

Anida da Colômbia nos chegam os dois últimos números do jornal do Movimento Homossexual **El Otro** (Apartado aéreo 6525, Medellin, ou Apartado aéreo 25726, Bogotá). O mais interessante sobre este movimento colombiano, no entanto, não vem nestes boletins, mas sim, num telegrama que nos chega — via Bixórdia Press —, distribuído aos jornais brasileiros pela France Press e, evidentemente, escamoteado por eles (ah, essa grande imprensa...) Aí vai:

"Bogotá, 27 de março. — O movimento homossexual colombiano **El Otro** solidarizou-se hoje com o Foro de Direitos Humanos que será realizado em Bogotá, na próxima segunda feira, publicou o diário **El Vespertino**. Numa mensagem enviada a este jornal, datada de Melellin, a segunda cidade do país, os integrantes do movimento pedem que na reunião sejam discuitdos as liberdades sexuais de todo gênero, a supressão das discriminações e marginalizções pela opção sexual que cada indivíduo toma, "apesar dos juízos opressivos da sociedade patriarcal e machista que nega o livre exercício do prazer erótico".

"Da mesma forma, o movimento solicitou que o foro se pronuncie sobre os seguintes pontos: 1) Liberdade de aborto; 2) Direitos da mulher 3) Discriminações sexuais, raciais, políticas e culturais sofridas pelos homossexuais; 4) Liberdade das crianças; 5) Direito à educação sexual e ao exercício de uma sexualidade livre".

Como se vê, nossos irmãos colombianos adotam um programa de ação muito próximo de LAMPIÃO (cujo programa de ação nunca foi escrito mas está sendo demonstrado na prática) (Comentário e tradução: **Aguinaldo Silva**)

Classificados sem caráter

PROCURA-SE um filhinho de papai p/montar uma produtora de filmes (em São Paulo) Melhor seria. Melhor seria se ele estivesse a fim mesmo (coisa de que o Brasil está necessitando), que ele estivesse naquela de "alcançar o que nem calcula alcançar" (eu já tenho toda a visão). É só me endereçar carta, que dou detalhes. Se for pessoa solteira, terá moradia de graça em São Paulo. João Alberto Daldomuner. Caixa Postal 1814, 01000, São Paulo — Capital. E.T.: caso alguém estiver interessado na proposta acima e quiser associar-se parcialmente, é só escrever.

CORRESPONDÊNCIA: Trinta e cinco anos, nível universitário, desejo manter correspondência com pessoas de outras cidades. Gosto de esportes, cinema e literatura. Endereçar cartas para Anjo Caído, na caixa postal do LAMPIÃO (C.P. 41031, CEP 20241, Rio de Janeiro — RJ).

Anúncios nesta seção: Mande, com o seu texto, cheque ou vale postal em nome da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. Cada palavra custa CR$ 3,00.

Mulheres, panteras, gorilas, automóveis. E o bicho homem?

AUTOR

D. Limongi Batista. Amazonense de 30 anos, radicado em São Paulo. Fotógrafo e cineasta. Autor de vários filmes de curta-metragem, o último dos quais foi **Porta do Céu**, Prêmio Governador do Estado em 1975 — apresentado nos festivais de Lyon, Lille e Firenze. Está preparando atualmente seu primeiro longa-metragem, cujo título é **Asa Branca: mil golaços**.

A EXPOSIÇÃO

Consta de 70 fotos em torno do mesmo tema: Thales e João, seus modelos. Trata-se de dois bailarinos conhecidos por sua participação em **Escuta, Zé**, espetáculo com Marilena Ansaldi. Thales Pan Chacon apresenta-se atualmente no espetáculo de balé **Sonho de Valsa**, em São Paulo. João Maurício foi para Nova York estudar dança. Opinião de um lampiônico: "A exposição pinta ser um grande sucesso. Não é comum neste país a apresentação do tema — dois homens nus".

O LOCAL

A exposição começou no dia 24 de abril, mas — oh, decepção! — ficou apenas cinco dias na Rua Oscar Freire 2208-A, em São Paulo. O cartaz com que ela foi anunciada por toda a cidade, apresentando um nu frontal dos dois modelos, foi disputado aos tapas nas esquinas da badalação.

O PLANO

Publicar um álbum com as fotos de D. Limongi Batista. Afinal de contas, as livrarias brasileiras vendem álbuns de fotos de mulheres nuas, e também de gorilas, panteras, **race horses**, gatos, cachorros, criaturas que o mundo esqueceu, máquinas voadoras, automobilismo através dos tempos etc... Por que não encarar a verdade de frente — como faz o genial D. Limongi Batista — e reconhecer que o corpo masculino também existe e é bonito de se ver?

Abaixo a hipocrisia! Olhem bem estas fotos. Olhem. Olhem. E olhem.

As confissões de um rabino guei

"Não espargir as sementes em vão..."

Filho de um rabino hassídico (a seita judaica mais ortodoxa), criado com extrema severidade para sucedê-lo, Josef Ben Ami costuma "oficiar" aos domingos numa espécie de bar guei diferente dos que se conhecem, bem iluminado e onde se serve principalmente café.

Em seu estúdio, onde Alan Ebert conduziu esta entrevista para a revista **Christopher Street** *de Nova York, uma blibioteca de cerca de cinco mil livros deixa pouco espaço para os quadros e desenhos dele mesmo ou de seu atual companheiro, Mark. Em sua mesa, o retrato de um jovem não identificado: "Ele é minha inspiração".*

O rabino Josef (Ben Ami é um pseudônimo que significa "do povo") nasceu no campo de concentração alemão de Bergen-Belsen, uma semana antes da chegada dos aliados. Seus pais já haviam perdido então nada menos que 10 filhos, e as perseguições continuaram na Romênia sob domínio soviético, até que a família foi para os EUA, e depois para Israel. As perseguições transformaram-se então em paranóia permanente: um pai quis lhe impor terapia de aversão quando Josef declarou-se homossexual.

O resultado disso tudo, ao contrário do que se poderia esperar, é um homem equilibrado que acredita com insistência na mudança dos padrões judaicos em relação à homossexualidade, embora saiba que isto não é para amanhã.

Com que idade você começou a ter fantasias ou relações homossexuais?

Aos nove anos eu tive uma paixonite por um garoto de 15 que morava em nossa rua, em Jerusalém. Minhas fantasias eram de fugir com alguém como ele e viver junto. Imaginava que nos amávamos um ao outro, mas sem pensar em sexo. E também não me masturbava, pelo menos até o colegial. Mas tive as experiências sexuais típicas da puberdade com meu irmão Avram, quatro anos mais moço, e que era meu único verdadeiro amigo.

Pode ser difícil para muitos compreender isto, como era difícil para mim aceitar, tão profundo era para mim o tabu do incesto, mas Avram e eu continuamos a fazer amor e ter relações sexuais por muitos anos. Não éramos amantes, mas nos amávamos muito. Avram suicidou-se no dia das mães — significativo, não? — de 1973. Ele era um jovem belo e sensível que não pôde resistir às pressões de nossa educação. Era incapaz de dizer "não". Não conseguia viver sua própria vida livremente. Era incapaz de impor seu direito de ser o que bem entendesse.

A morte de Avram me machucou tanto que eu acabei procurando a ajuda de um profissional. Mas eu não podia continuar com a psiquiatria porque não tem sentido para mil colocar a minha vida nas mãos de ninguém mais. Avram foi uma grande perda. Eu vivia muito isolado e ele era meu único amigo. Todo mundo me evitava por causa de minha língua ferina, que muitas vezes atingia meus colegas que não tinham nada a ver com minha raiva, mas quem é capaz de controlar a própria raiva?

Mas falar de Avram não vai trazê-lo de volta. Durante muitos anos eu me senti culpado por causa de nossa relação. Mas agora não. Foi muito pouco e por isso mesmo muito precioso o amor que tivemos em nossas vidas, além do que dávamos um ao outro. Não, não há mais sentimento de culpa, mas só a tristeza.

Você se sentia culpado por suas atividades homossexuais, quando criança?

Sentia-me condenado aos infernos. Estava sempre esperando alguma reação, ser agredido, apedrejado. Sentia que tinha comigo este segredo terrível que me oprimia. Ele me tornava diferente dos companheiros e me mantinha afastado. Só havia Avram. Cresci achando que era mau, uma pessoa terrível, que seria punida por seus pensamentos e ações más.

Deus, então, já era algo de muito real para você?

Muito. Só com 15 anos mais ou menos é que meu conceito de Deus mudou de um Deus terrível, julgador e onisciente sentado lá em cima em seu trono, mandando que eu observasse todos os mandamentos, para um processo concentrado nas pessoas como membros da espécie humana e parte do universo.

A sexualidade era discutida em casa, na sua infância?

Apenas através de meus estudos de textos judaicos. Neles a gente encontra muito dessas histórias de quem fez o quê com quem e como. Quanto à homossexualidade, encontram-se proibições no código moral do Pentateuco, no Levítico, capítulo 18, verso 22, e capítulo 20, verso 13. As pessoas envolvidas em relações homossexuais são ameaçadas com a punição capital.

O Talmude reforça a proibição (no tratado Sifra, 9:8) mas não a penalidade, que se limita ao açoitamento no caso de relações lésbicas. Esse tipo de pensamento anti-homossexual culmina na Enciclopédia Judaica, que ainda em 1971 publicava: "Fontes rabínicas adiantam várias razões para a estrita proibição da homossexualidade. (...) Trata-se de uma perversão natural, que degrada a dignidade do homem (...) além disso, tais atos vão de encontro aos propósitos reprodutivos do sexo, exatamente como qualquer outra forma de espargir sementes em vão. (...) Uma terceira objeção é vista no prejuízo causado à vida familiar pelo abandono de sua mulher pelo homossexual. (...) As leis judaicas, portanto, rejeitam o ponto de vista segundo o qual a homossexualidade deve ser encarada apenas como uma doença ou como algo normalmente neutro".

E atualmente, o que pensam da homossexualidade as várias seitas do judaísmo?

O judeu ortodoxo progressista tenta adaptar-se às mudanças. O rabino ortodoxo, portanto, diria: "Você é um pecador, mas não precisa ser apedrejado ou excumungado se tratar de se modificar". O judeu conservador concordaria, mas os mais liberais acrecentariam: "Trata-se de uma doença. Vá se curar". O judeu reformado diria que é um pecado e/ou uma psicose e/ou uma neurose. Os reformados encaram a homossexualidade como um comportamento pervertido. Não apenas espiritualmente, como os ortodoxos e os conservadores, mas também social e emocionalmente. Em 1973, houve um debate entre a liderança rabínica reformada para saber se deveria existir uma sinagoga Guei separada dentro do movimento do judaísmo reformado. Uma corrente acha que os homossexuais não devem ser separados, mas fazer parte da comunidade. São estes que constantemente remetem homens e mulheres Gueis a psiquiatras, para se curarem. A outra corrente acha que deve haver uma sinagoga Guei, porque já existe uma tradição neste sentido. Esta "tradição" é uma sinagoga criada especificamente para ladrões. É esta corrente que prevalece. Os que a integram e defendem são liberais, até que descobrem que seu próprio rabino ou seu filho são Gueis. Aí, não sabem lidar com a situação. Em outras palavras, não há lugar para os homossexuais dentro do judaísmo.

E por que seria assim? Por que as leis e as tradições judaicas são tão anti-homossexuais?

É algo ligado à família, pedra fundamental de toda religião. De quem dependem as religiões? Do povo. Sem o povo, a religião desmorona. Todos nós estamos aqui supostamente para propagar, para perpetuar a espécie. Há milênios atrás, o problema era gerar um filho varão para crescer e se tornar um guerreiro que protegesse as pessoas e suas terras. Por sinal, assim como a homossexualidade ameaça essa estrutura — a família — a pessoa solteira também ameaça, no judaísmo: o Pentateuco considera uma mulher sem filhos como uma "pessoa morta" da qual, portanto, deve divorciar-se o marido depois de certo tempo.

Onde você foi educado?

Israel, Estados Unidos, França e Rússia. Licenciei-me em história, questões soviéticas, lingüística e literatura comparada. Também tenho licenciatura "informal" em uso de drogas. Quando freqüentava aqui uma faculdade da Ivy League, na década de 60, experimentei freqüentemente com ácido, ópio e maconha.

O que você descobriu com ou sobre o uso de drogas, se é que descobriu?

O ego: quem eu era. Várias viagens de ácido me introduziram sucintamente ao cerne de mim mesmo, mas o jejum e a meditação me levaram direto lá. Percebi que eu era um jovem muito vulnerável precisando de aceitação e de amor e com um medo de nunca conseguir nenhum dos dois. Percebi também que era uma pessoa forte, do que me vali para sobreviver ao que foi freqüentemente uma infância brutal. Percebi como essa infância gerou um homem defensivo que erguia barreiras para não ser ferido. Finalmente, percebi que criança romântica e despreocupada eu poderia ter sido. Eu estava apaixonado pelo amor. Estava apaixonado também pelos homens, especialmente Yehuda, o garoto israelense por quem me apaixonei aos nove anos. Seis anos depois, estudando nos EUA, encontrei com ele na rua. Ele estudava em Princeton. No espaço de um mês, éramos amantes. E ainda o seríamos, acho eu, se ele não tivesse sido morto na guerra de Yom Kippur, 13 anos depois.

Yehuda foi a pessoa mais importante na minha vida, embora não tenha sido a única. Nos anos que passamos juntos, houve também Kevin, meu amante americano, com quem vivi em Nova York enquanto Yehuda estava em Jerusalém. Eu amei ambos intensamente. Evidentemente, eu acho que isso é possível. E por que não seria? Por que não seríamos capazes de amar duas pessoas maravilhosas apenas fisicamente? Mas eu não desejaria viver a mesma coisa de novo. Não acho que poderia suportar a ginástica mental, emocional e física de dois amores concorrentes e absorventes de novo. Pois durante um certo período desta época eu também estava casado com Susan. De forma que a vida era — como direi? — complicada.

Você disse que amava ambos "intensamente". Por quê? O que era especial neles?

A cuca. Ambos eram brilhantes. Interessavam-se por uma multidão de coisas. Todos dois eram gente absolutamente honesta, apaixonados pela vida. Kevin era psicólogo, e sua maior força era então minha maior fraqueza: ele era capaz de sentir. Meus sentimentos estavam então trancados há tanto tempo que Kevin teve que catá-los um por um. Ele se valeu de toda a sua habilidade profissional para consegui-lo. E me mudou muito. Uma coisa é intelectualizar sobre a sua vida: porque você é como é, o que você **pensa** sobre tudo que aconteceu e acontece. Outra muito diferente é **sentir**. Kevin liberou os meus sentimentos. E também me liberou do meu corpo. Ele foi o primeiro homem a me penetrar sexualmente. Antes, eu não aceitava. Nem Yehuda.

Você e Yehuda teriam vivido juntos em Israel se ele não tivesse morrido?

Provavelmente não, pois ele se teria casado. Isso é muito comum em Israel. Os homens gueis não vivem abertamente com outro. Casam-se e ou dão suas voltinhas ou chegam a um acordo com as mulheres.

Existem muitos homossexuais em Israel?

Segundo o governo, nenhum. Mas ainda assim eles têm listas de pervertidos; o que fazem com essas listas eu não sei. Na realidade, existe uma grande comunidade guei em Israel, mas que se mantém escondida. Muitos gueis que conseguem juntar dinheiro saem de Israel, porque ser guei lá é uma parada. (1)

E os que ficam? Podem viver abertamente como homosseuxais?

Muito poucos fazem isso. Só mesmo os que têm muita saúde ou muita criatividade. E mesmo esses, mal são tolerados.

Existem lugares de encontro para os homossexuais?

Claro, só que discretos. Em Tel Aviv tem o Parque da Independência, que é um verdadeiro rebuliço à noite, e alguns bares na Diezengoff, a rua principal. Há também o parque de Jerusalém e alguns lugares ao longo do cais de Haifa, mas tudo muito discreto. Não temos lugares de dança, de sexo franqueado ou de garotões de casacos de couro.

Existe uma comunidade guei "organizada mas subterrânea?"

Exatamente. Eles se encontram em "salões sociais" onde vai todo tipo de gente.

Mas existe algun movimento organizado disposto a sair do underground **para a vida pública?**

Não, absolutamente. Os homossexuais "assumidos" são agredidos pelos israelenses, inclusive pelos que são homossexuais.(2)

Por quê?

Porque você os ameaça ao se declarar, ao admitir que sua homossexualidade existe. Em Israel, você não pode chamar atenção para o fato de que os homossexuais vivem e respiram. Faz-se tudo para evitar a consciência disto.

Pelas razões de que você falou antes: a homossexualidade ameaça "Deus, pátria e família"?

Exatamente. O que é uma ironia pois eu não conheço um homem Guei em Israel que não considere uma honra prestar o serviço militar. Também conheço muito poucos Gueis que não se casam e brindam o Estado com filhos. De modo que é tudo uma farsa. Em poucas palavras, além da Rússia, onde já vivi, não posso imaginar um lugar pior para ser homossexual.

Você se casou por causa do costume que acaba de descrever?

O meu caso foi mais de insistência dos pais. Eu tinha 19 anos. Tinha-me tornado maior. A tradição exigia que eu me casasse. Meu pai escolheu uma moça, que eu recusei, o que o irritou profundamente. Eu tinha que me casar, se quisesse tornar-me um membro da comunidade judaica e se quisesse ser visto como um homem.

Até essa época, você era exclusivamente homossexual?

Era, embora meus sonhos, como adolescente, fossem geralmente sobre minha capacidade sexual com mulheres. Mas uma vez que me casei com Susan, não tive problema de espécie alguma. E desde a dissolução de meu casamento, estive envolvido com várias mulheres, e com duas delas continuo em contato, sexual e de outros tipos.

→

"Vou contar tudo ao meu filho"

Uma relação com uma mulher é tão satisfatória quanto uma com um homem?

Com essas duas, especificamente, é quase tão satisfatória quanto quase foi com Yehuda e Kevin. Eu ainda estou para ter uma relação totalmente satisfatória, e sei porque. É alguma coisa que falta dentro de mim, uma busca de perfeição e harmonia, que eu então procuro no outro. O que não tem sentido.

Na realidade, o sexo com uma mulher não é comparável, para mim, com o sexo com um homem. Para que um relacionamento dê certo com uma mulher, ele deve funcionar em vários níveis. Com um homem, pode ser pura sensualidade. Outra coisa: minhas necessidades emocionais são mais fortes em relação aos homens, e melhor satisfeitas por um homem. Sinto-me mais ligado, mais inteiro, mais preenchido... mais seguro com um homem.

Você parece estar envolvido em muitas relações.

Acho que deu pra perceber. Às vezes eu chego a pensar como consigo trabalhar. Mas o fato é que eu não só produzo melhor quando estou vivendo alguma relação, como não consigo produzir sem uma. Fiquei sozinho durante dois períodos de nove meses, e embora não tenha sofrido — não fiquei deprimido nem solitário — também não estava feliz.

Você está com alguém agora?

Ah sim, há três anos já, embora a gente não viva junto. O nome dele é Mark, e como meus outros amantes, é brilhante. Ele tem uma atitude impressionante em relação ao trabalho e à vida. Como artista, ele vê a vida e as pessoas em cores, integralmente, ricamente. É um humanista, e um homem muito humano. Nós compartilhamos a responsabilidade pela relação. Nenhum de nós controla nada, exceto a própria vida de cada um. Mantemos nosso poder individual. Fazemos uma boa dupla porque complementamos nossas respectivas existências. Nossas vidas freqüentemente se cruzam, mas não estamos grudados um ao outro. Vivemos o que se conhece hoje como um "casamento aberto".

Isso significa que a fidelidade não é importante?

Melhor seria dizer não é necessária. Um dos meus excessos — e se trata realmente de um — é a minha libertinagem. Eu me acendo com a maior facilidade. E ainda assim sou muito ciumento dos casos de Mark. De modo que temos lá nossos problemas, mas trabalhamos em cima disso da melhor maneira possível. Mark e eu estamos particularmente bem juntos porque não só nós amamos como nos respeitamos. Nós gostamos um do outro. Somos amigos. O que pode ser muito raro numa relação entre amantes. Nós também compreendemos os pontos fracos de cada um. Ambos temos lá no fundo um certo medo da aproximação, da intimidade. O meu se baseia nas mortes de Avram e Yehuda e na "deserção" de Kevin para a terapia primal, para se curar de sua homossexualidade - tudo isso no mesmo ano! Todas as pessoas que amei morreram e me deixaram. Depois dos cinco primeiros meses com Mark, quando percebi que o amava, caí fora, e não podia ter feito diferente. Na época, não podia correr o risco de amar outra pessoa que poderia me rejeitar. Mas... nove meses depois, pedi que ele me aceitasse de volta, e ele aceitou.

Quando você se casou, escolheu você mesmo?

A convenção não, mas a mulher sim. Conheci Susan quando trabalhava numa de minhas licenciaturas em Nova Iorque. Fisicamente ela era muito atraente, uma bela garota de pele azeitonada, olhos amendoados, pernas longas e educação ultra-ortodoxa. E particularmente brilhante

Você a amava?

Não, mas gostava imensamente dela. Entrei no meu casamento esperando que durasse. No começo foi compensador, pois há algo de muito belo e estimulante quando duas pessoas estão aprendendo a se conhecer intimamente. Por um breve período, talvez um ano no máximo, nossa vida sexual foi boa. Mas, apartir daí, comecei a perder interesse nela, e me desinteressei sexualmente também. E ela era exigente. Eu não podia acompanha-la nesse ponto, ou em muitos outros pontos também, como se verificou depois. O segundo ano de nosso casamento passamos na França. De terças a sextas-feiras eu vivia fora de Paris ansiosamente com Susan, mas nos fins de semana ficava em Paris, oficialmente para estudar arte e desenho, mas principalmente para estar com Yehuda, que completava lá sua formação.

Esta existência dupla teve algum efeito sobre você?

Se você considera sentir-se esquizofrênico como um efeito, sim. Eu nunca conseguia relaxar com Susan, nunca deixava de sentir que estava fazendo algo errado. E estava. Estava sendo desonesto. A culpa que sentia invadiu nossa relação sob a forma de hostilidade. Quanto mais ela se aproximava de mim, mais eu me recolhia. Em um ano, já estava com úlcera e colite. No terceiro ano de nosso casamento, eu estudando em Leningrado e ela ainda na França, caí em depressão profunda. Durante um mês fiquei completamente paralisado. Aí é que percebi que alguma coisa tinha de mudar. Peguei um avião para a França e pedi o divórcio a Susan. Ela ficou histérica. "Mas o que vão dizer os meus pais?", Era a principal preocupação dela, o que diz muito a seu respeito. O fato é que ela nunca me amara, mas gostava de ser a mulher do rabino Josef Ben Ami, suposto sucessor da dinastia hassídica de meu pai. Como minha mãe, que não conseguia me largar, Susan também me transformou no centro de sua existência. Eu era a fonte de sua própria identificação. Ela não queria me conceder o divórcio.

O que a fez mudar de idéia?

O maior dos argumentos: dinheiro. Ela me tirou cada centavo que eu tinha, e eu fizera muito dinheiro — 40 mil dólares por ano — como tradutor. Além disso, meu pai nos havia dado bastante dinheiro quando casamos. Dei tudo para ela. Fui obrigado. Não podia mais viver com alguém que não amava. Nosso casamento era uma farsa, um arranjo para satisfazer meu pai e a sociedade, mas não a mim — nem a minhas necessidades nem as dela. Sob esse ponto de vista valeu trocar o dinheiro pela liberdade.

Você chegou a contar a Susan sobre sua homossexualidade?

Sim. Depois do divórcio. Ela considerou o fato como uma abominação indescritível. Comportou-se horrivelmente. Atualmente nós temos um relacionamento normal, que só existe porque temos um filho concebido meses antes de eu decidir pedir o divórcio.

Que tipo de relação você tem com seu filho?

Muito diferente do que aprendi com meu pai. Philip tem nove anos. Vejo-o uma vez por mês, mas falamos freqüentemente pelo telefone. Eu converso com Philip, ouço o que ele tem a dizer, brinco com ele. Quando estou com ele, estou realmente com ele, amando-o de uma forma bastante diversa da forma como amo qualquer outra pessoa. Ele está sendo educado como um judeu hassídico e isto me agrada, porque a educação da mente é bastante ampla no **yeshiva**. Mas ele não está confinado exclusivamente a este mundo. Quando estamos juntos, visitamos museus, galerias de arte, parques de diversão. Eu também desafio o "pensamento judeu" dele e tento ajudá-lo a ver as coisas de mais de um ponto de vista apenas. Ele está sendo educado para todos os mundos.

Você pretende discutir sua sexualidade com ele?

Algum dia, porque quero que ele conheça o seu pai, e como minha sexualidade é parte de mim, ele deve conhecê-la. A maneira como vai aceitá-la me preocupa muito. Eu ficaria extremamente perturbado se ele me rejeitasse. Veja bem, eu não só amo meu filho, como gosto dele. É um bom menino caminhando para se tornar um bom homem.

Você tem planos especiais para ele?

Apenas que seja o que quiser ser. Nunca me foi permitido sonhar em me tornar outra coisa que um rabino. Eu queria pintar e esculpir. Minha mãe queria que eu fosse um acadêmico moderno, progressista, mas religioso. Meu pai queria que eu fosse um talmudista, como ele. Levei anos para convencê-los de que não iriam nem poderiam tornar-se uma coisa ou outra. Espero que meu filho venha a ser a pessoa que quiser, um ser humano que sente e pensa, aberto a idéias e à mudança. Espero que ele encontre seu próprio significado para a vida. Também espero que seja bom, amável e, acima de tudo, ele mesmo. Se "ele mesmo" significar homossexual, vou tentar ajudá-lo nessa crise — e é mesmo uma crise — estando para apoiá-lo. Honestamente, embora não me importe como é sua sexualidade, tremo em pensar que seja Guei. Não gostaria que meu filho passasse pelo que gerações de homossexuais tiveram de suportar: a humilhação, a censura, a culpa e a rejeição arrojadas sobre eles por uma sociedade amedrontada.

Você parece muito amargo a este respeito.

E tenho razões. Veja que quando me declarei a minha mãe, faltava um ano para conseguir meu PhD no Hebrew Union College. Tive de desistir porque ela ficou tão escandalizada com o fato de que eu estava trepando com quem **eu** queria e com o **meu** corpo que insistiu em que eu imediatamente lhe pagasse os 15 mil dólares que me emprestara para minha educação. O que, por sinal, eu fiz. Até o último centavo. Mas quando solicitei readmissão um ano depois, tendo já fundado a sinagoga Guei e trabalhando como seu rabino há três meses, tive negado o meu pedido. Uma comissão de rabinos me "examinou" e me enviou a um psiquiatra freudiano. Quando procurei o reitor, ele me disse que eu precisaria de dois anos de terapia psiquiátrica, e que depois, se fosse declarado curado, seria readmitido. O que ele não me disse foi "curado" de que, embora eu tenha perguntado.

O que o levou a organizar uma sinagoga para homossexuais?

A necessidade. A comunidade judaica não se mostra exatamente disposta a dar boas-vindas aos guris em sua sinagoga. Na realidade, os gueis que desejam ser judeus não têm um lugar, dentro do judaísmo, onde possam prestar culto, a menos que reneguem sexualidade. Achei que estes gueis tinham o direito de ter um lugar de culto onde pudessem ser tanto judeus, quanto homossexuais. E não era possível esperar mais. Havia muitos homossexuais judeus que se sentiam apartados de qualquer ligação com o judaísmo. E eles manifestavam sua necessidade de ter esta ligação. Na primeira noite de sexta-feira em que abrimos nossas portas para o serviço, mais de cem homens e mulheres vieram prestar culto.

Como se inicia uma congregação para homossexuais?

É só abrir as portas e dizer, "ei, guei!" Anunciar em publicações gueis e espalhar a novidade em bares e saunas. Notícias desse tipo viajam depressa. Especialmente para a comunidade **straight**. Eu fui severamente censurado por minhas iniciativas, e especialmente por meus colegas rabinos gueis, que são muitos. Todos insistiram em que eu deveria ter esperado até estar mais estabelecido, até ser mais forte. Tudo besteira, inclusive o banimento que senti da comunidade judaica estabelecida. De repente eu virei **persona non grata.** Homens que me conheciam a anos — gueis ou não — não me reconheciam mais. Especialmente os gueis israelenses bem situados no governo. Era como se eu transmitisse a peste.

Ainda assim você mantém seu judaísmo...

E porque não? Eu nasci judeu, eu sou judeu, sinto-me judeu e ajo segundo as tradições judaicas. Eu escolhi ser judeu. Optei por observar os ritos e rituais judaicos que têm um significado para mim. Ser judeu é agir de acordo com as tradições que dão significado à minha vida. As raízes do judaísmo estão estreitamente relacionadas à terra e à natureza.

E uma possível mudança de atitude na comunidade judaica?

Uma tal mudança não é para o futuro próximo. É necessária uma completa atualização da vida judaica para se adaptar ao século XX, em vista das mudanças sociais por que o homem tem passado. A vida e o pensamento judeus precisam modernizar-se. A visão judaica da homossexualidade nunca foi válida. A comunidade judaica precisa reconhecer que os homossexuais existem, em vez de negá-lo. A resposta, naturalmente, seria que todos os líderes judaicos que são gueis se "assumissem" publicamente. Então esta mudança ocorreria da noite para o dia. Mas isso não é provável que aconteça. Eles sabem que se "assumissem", não seriam recebidos exatamente por um comitê de boas-vindas. Muito pelo contrário. Tudo isso é muito inquietante. O que me deixa furioso é saber que continuam existindo forças que tentam fazer-me sentir mau e que efetivamente conseguem que muitos jovens se sintam em pecado por causa de sua homossexualidade. O que eu acho é que se algum pecado está sendo cometido é por aqueles rabinos, médicos e políticos que poderiam conseguir alguma mudança e não o fazem. Estes negligenciam seus deveres e são culpados de crimes contra a humanidade.

(1) e (2) — O rabino Joseph Ben Ami está mal informado: a Society for the Protection of Personal Rights, entidade dos homossexuais israelenses, é oficialmente reconhecida pelo Ministério do Interior daquele país.

Tradução: Clóvis Marques

Um padre escreve sobre o amor de Jônatas e Davi

Não é nossa intenção lançar mão de um argumento falso intencionalmente para induzir outrem em erro, a fim de justificar nossa condição dentro do homossexualismo, apoiando-nos nas Sagradas Escrituras. Não. Nada disso. Nossa intenção é trazer a lume um fato pouco comentado por teólogos católicos, ortodoxos e protestantes, a respeito do homossexualismo havido entre Davi e Jônatas — dois importantes personagens bíblicos.

A princípio, pode parecer uma aberração ao leitor leigo ou alheio às Sagradas Escrituras, mas, após um exame acurado dos fatos e textos que iremos declinar, poderá verificar este acontecimento marcante na vida de Davi, Rei de Israel, de cuja linhagem nasceu o Cristo, o Grande Filho de Davi.

É correto afirmar que a Bíblia condena de certa forma, em alguns de seus livros, a prática homossexual (Deut. XXIII: 17). Mas afirmar que a Bíblia condena de maneira total e final a prática homossexual, é deconhecer por completo as minúcias exegéticas do Livro Sagrado. Um exegeta, convicto de sua técnica, profundo conhecedor dos textos hebraicos e gregos, jamais poderá afirmar negativamente que houve uma afinidade amorosa entre Davi e Jônatas. Esquecem alguns teólogos que a Bíblia Sagrada foi escrita por 30 ou 40 homens comuns, mas devidamente inspirados por Deus, cada um escrevendo isoladamente, num período compreendido de aproximadamente 1.500 anos, condicionados aos USOS e COSTUMES de suas épocas. Em alguns livros que compõem a Bíblia, aquilo que era "pecado" para o povo judeu, não o é para nós, gentios de hoje.

É bom observar que "pecado" é questão pura e simplesmente de condicionamento geográfico! Não precisamos NEGAR a inspiração divina das Sagradas Escrituras, para provarmos a sua flexibilidade para com o homossexualismo. Desde os meus primeiros anos de acadêmico de uma das mais notáveis faculdades de teologia de São Paulo, que comecei a pesquisar minuciosamente o relacionamento afetivo entre Davi e Jônatas, situando este fato dentro da história de suas épocas.

Afinal, quem foram estes dois personagens bíblicos? Davi era o caçula dos oito filhos de Jessê, o belemita (1º Samuel, XVI:II), o qual foi o segundo e o mais ilustre dos reis de Israel, ungido por Samuel em Belém (1º Sam. XVI: 13). Davi "era ruivo e formoso de semblante e de boa presença" (1º Sam. XVI:12) Era, enfim, um homem bonito. Jônatas, por outro lado, era o filho mais velho de Saul, o primeiro rei de Israel (1º Sam. XIV:49), homem forte, belo e ligeiro (2º Sam. I:23), sempre vencedor nas grandes guerras. É interessante e digno de ser transcrito alguns textos que falam diretamente desses dois jovens: "...E a alma de Jônatas se ligou com a alma de Davi; e Jônatas o amou, como à sua própria alma". "E Jônatas e Davi fizeram aliança, porque Jônatas o amava como à sua própria alma". (1º Sam. XVIII: 1 e 3). "E Jônatas fez jurar a Davi de novo, porquanto o amava; porque o amava com todo o amor de sua alma" (1º Sam. XX:17). Poderá existir amor mais puro, mais santo, real e sublime do que este? Por acaso, estavam Jônatas e Davi cometendo "pecado" através deste amor tão claro, o qual não oferece dúvida nenhuma desta homossexualidade assumida?

O amor que Davi possuía por Jônatas era tão forte e real, que quando este morreu na batalha de Gilboa (1º Sam. XXXI:2), Davi o pranteou desesperadamente: "Angustiado estou por ti, Jônatas; quão amabilíssimo me eras! Mais maravilhoso me era o teu amor que o amor das mulheres" (2º Sam. 1:26). O amor que Davi possuía por Jônatas era tão forte, que ele o considerava **superior** ao "amor das mulheres". É bom frisar que o verbo **amar**, na língua hebraica, pode ser empregado tanto no amor filial quanto no amor para com Deus ou no amor sensual ou carnal. Para o caso de Davi e Jônatas, queiram ou não os preconceituosos teólogos modernos, o sentido do verbo está relacionado com o amor sensual ou carnal. E não adianta querermos dar outra conotação à palavra, pois estaremos torcendo as regras de uma boa exegesse....

Mostrem-nos os preconceituosos o "pecado" de Davi, a aberração de Davi, a monstruosidade de Davi. E não nos diz o Livro Sagrado que Davi foi um homem "segundo o coração de Deus? (Atos XIII:22). O homossexualismo é uma forma de amor. E o amor é uma partícula de Deus, pois "Deus é Amor" (1ª S. João IV:8). Deus está no amor e o amor está em Deus. Ele é imenso e ninguém pode limitá-lo. Pode estar no relacionamento entre homem-mulher, mulher-mulher, ou homem-homem. Basta que em tais relacionamentos exista a partícula divina que se chama — AMOR.

Padre Netto

Bixórdia

A caravana ladra?

O inteligêntíssimo e culto colunista social Ibrahim Sued deu uma nota em sua coluna de *O Globo,* conclamando os pais de família brasileiros, de passagem por Nova York, a não permitirem que seus filhos frequentem a discotheque *Studio 54,* naquela cidade, um antro, segundo ele, "de homossexuais e lésbicas, viciados em drogas e que perderam a vergonha" Estranho.. Ainda na semana passada um lampiônico residente em Nova York nos mandou uma carta contando a história de um brasileiro alto e quarentão, com cara de turco, vestindo uma camisa preta brilhante e exibindo no peito aberto e bronzeado uma profusão de colares, que foi barrado na porta daquela discotheque novaiorquina pelo seu legendário porteiro, o qual, depois de pronunciar a clássica interjeição inglesa — *shit!* —, disse ao brasileiro em questão que camisa preta, peito de fora e colares *já era.* E acrescentava o lampiônico em sua carta: "o brasileiro barrado na porta da discotheque era a cara do Ibrahim". Seria? Não e possível. É como diz o porteiro da *Studio 54:;* "sorry, periferia". Ou, como cantavam em coro, *dentro da discotheque,* os homossexuais e lésbicas da *Studio 54:* "os cães passam e a caravana ladra (ou será que é o contrário?), de leve. Lá, rá, ri, lá".

Noite de sábado, num bar bem barra pesada na Saúde, bairro carioca. A boneca para o carro, desce toda perfumada e bem vestida, dirige-se ao balcão apinhado de bofes e pede: "dois chicletes". O bofaréu silencia, pronto para estraçalhar a pobrezinha ela percebe, mas se segura. Atendida, já vai saindo, quanto um dos rapazes resolve dar o pontapé inicial: Chama-a — "amigo" —, e quando ela olha, pergunta: "Não quer levar uns pastéizinhos pra viagem?" Risadas irônicas, que se transformam em gargalhadas gerais quando a bicha responde: "Por quê? Estão gostosos? Foi você quem fez a massa e fritou?"

Madrugada dessas, fulgurante e super-cortejada estrela de shows **globais deu entrada no Hospital do INPS da Lagoa, acometida — como diria O DIA — de forte crise nervosa. Em meio a convulsões e choro a moça repetia: "Cadê aquele desgraçado? Porque me largou?". (Pausa, conselhos dos médicos e enfermeiros, etc.) Volta o berreiro de star: "Viado! Bicha! Isso sim é que ele é!" (Nova pausa) Mais calma conclui, ainda aos gritos mas com inflexão reflexiva: "Viado! era viado mesmo, pronto! Mas eu nunca tive um homem igual. Ai! ai!, ai (etc.). Quero ele de volta. Cadê a minha bicha?!" Quem disse que a cotação do povo guei anda em baixa?**

Esta aconteceu na redação de um dos jornais diários do Rio. Numa de suas editorias, uma bicha, cansada de só ouvir papos *heteros,* e após se refestelar com doses maciças desse verdadeiro "Atalaia Jurubeba" que é LAMPIÃO, resolveu abrir o bico e falar de suas transas *homos.* Tudo muito bem, até que um dos machões que sentavam ao seu lado, meio histérico, gritou: "Chega! Não aguento mais ouvir falar em bicha aqui na redação. Vamos falar de outra coisa". E pousou seu olhar devastador sobre a boneca em questão. Este, sem se pertubar, devolveu o olhar e, sibilando em todos os *Esses,* respondeu: "Tá legal, não vamos mais falar de bichas. Vamos falar de *homens,* queridinho" O machão está mudo até agora...

Outra do Gilson, o mítico porteiro da boate **266 West**: a bichette, ao vê-lo todo aveludado na primeira noite (quase) fria do ano no Rio, não resistiu e, fazendo um arzinho de nojo, endereçou-lhe um comentário: "Ridículo". Ao que Gilson, do meio dos seus veludos, sem se dar por perfume da boneca e interceptou sua entrada na boate. A ofendida, um ar de dignidade no rosto, perguntou o porque da proibição. Gilson, outra vez: "São ordens da gerência; bicha que usa Avon não pode entrar, porque este perfume deixa com dor de cabeca a nossa clientela".

Luís Garcia, um rapaz de idéias flamejantes, acaba de assinar contrato com os proprietários do Cine São José para a exploração do entretenimento denominado **Gueilfeira**, que ali se realiza todos os fins de semana, após a última - e sempre desesperada - sessão de cinema. Luizinho vai botar pra quebrar: sua idéia é transformar o Cine, nos fins de semana, num verdadeiro parque de diversões guei, um mafuá muito louco, que promete ser um dos pontos mais badalados da noite carioca. No próximo número a gente publica ampla reportagem sobre o assunto, aguardem.

●●● ●●● ●●● ●●● ●●●

Bom de ópera, segundo dizem, mas ruim de cinema, pois costuma ser muito esteticista e alienante, seus filmes não podem, porém, deixar de ser considerados muito entendidos. Falamos de Franco Zefirelli, o italiano que agora descobriu o Brasil e anda por aí badalando. Ele tanto sabe escolher os cenários como também, e principalmente, os homens que irão compor o elenco dos seus filmes. Para ilustrar o que afirmamos, basta lembrar um detalhe: o autor que fez o seu Jesus Cristo era verdadeiramente divino, talvez mais que o original. E seus apóstolos, virgem Santíssima, eram belíssimos aqueles olhares dos apóstolos do Cristo lá dele.

Aliás, em matéria de leituras turvas, tem um leitor do LAMPIÃO que bate o recorde. Ele entende tudo ao contrário. Agora mesmo nos mandou uma carta pixando pobre João Carneiro, acusando-o de "apoiar, nas páginas desse mensário horroroso, o aiatolá Komeiny'. Ora, João Carneiro fez exatamente o contrário, deu um pau no iraniano maluco, comparando-o a outros déspostas da história. Comentário de Rafaela Mambaba, ao ler a carta naturalmente sem assinatura: "Essa bicha, além de anônima, é burra..."

O **Jornal Dobrábil**, de Clauco Mattoso e Pedro o Podre, continua ótimo. Agora mesmo recebemos o seu suplemento esportivo, apropriadamente intitulado "A Gazeta Ilustrada". Do último **Dobrábil,** um argumento cinematográfico — sugestão para a nova gestão da querida Embra: "Na vida real, depois do **the end**, o mocinho não ama a mocinha, nem o cavalo. Ama mesmo é o bandido, que matou no filme, mas que tá bem vivo. Vida real é outra coisa". O autor é o exercrável Pedro o Podre.

TENDÊNCIAS

o filme

O "Expresso" e o preconceito

O Expresso da Meia-Noite, de Alan Parker, é sem dúvida um excelente trabalho. Laureado com dois Oscars pela Academia de Cinema de Hollywood nas categorias de "melhor trilha sonora" e "melhor roteiro adaptado", seu sucesso nas telas deve permanecer por longo tempo. Baseado na história real de Billy Hayes, o filme mostra a vida de um presidiário dentro de um regime arbitrário que, por acaso, é o da Turquia. A daptação foi feita a quatro mãos: o protagonista da história real, juntamente com William Hoffer. Ambos realizaram um trabalho consideravelmente bem sucedido.

O grande mérito do **Expresso da Meia-Noite** está no fato de o filme ser muito movimentado, embora suas cenas (na maioria) sejam passadas dentro de um presídio. Caso o roteiro não tivesse sido bem manipulado, o resultado poderia ter sido cansativo, como foi o caso de **Papillon.** Felizmente o que acontece é exatamente o contrário. O espectador se envolver de tal maneira com o clima do filme, que acaba não sentindo o tempo passar. Mas para que tudo isto acontecesse seria preciso que o diretor realizasse um trabalho seguro. E isso acontece.

Em relação à trilha sonora, poucos filmes conseguiram usar sons eletrônicos — nas cenas mais tensas, imitam batidas do coração — com tanta maestria. Juntando este contexto à música, temos aí um resultado surpreendentemente feliz. Todo o clima de tensão, ansiedade e angustia é colocado de uma maneira primorosa e mesmo o espectador menos sensível vive os momentos da violência com grande intensidade.

O desempenho dos atores, pouco conhecidos no mundo do cinema, foi de grande ajuda para Parker. A começar por Brad Davis (Billy Hayes), o qual parece prometer em sua carreira cinematográfica.

O garotão, além de ter um visual para ninguém botar defeito, rendeu à altura que o papel exigia. Outro personagem, pouco mencionado pela crítica especializada, que seguramente contribui muito no elenco é o ator Paul Smith, o qual faz o papel de Hamidou. Sua dramaticidade é tão forte que a platéia reage contra seus ataques — psicóticos de violência. Convenhamos que isto só se vê com os grandes astros. Neste mesmo caminho, de bom desempenho está o ator John Jurt no papel de Max.

Bela é a cena do homossexualismo, chegando a ser de certa forma poética. Dizem que no livro sobre a vida do protagonista, os dois presidiários chegam a transar, o que no filme não acontece. As razões que levaram o diretor Parker, a modificar a cena devem ter sido fortes, porque todo mundo está cansado de saber que o homossexualismo nos presídios é comum. Mesmo assim ele não deixou de colocar uma recusa às "vias de fato" de uma maneira carinhosa: Billy beija afetuosamente a mão do companheiro fazendo um gesto para dizer que não poderia ir mais longe do que um abraço e um beijo.

Bem, o filme tem vários aspectos de abordagem e um deles também não foi mostrado pela crítica até o momento. Refiro-me à forma preconceitosa com que os americanos falam do Terceiro Mundo. Se não vejamos: no diálogo do pai com o filho, passado no presídio, a emoção é interrompida para que o velho fale mal da Turquia. Até a comida que o pai de Billy havia ingerido foi vomitada. Seria isto uma rejeição aos alimentos num país que está castigando seu filho? Ou uma maneira de mostrar que na América é que se come bem? A resposta mais viável me parece ser a segunda. Outro aspecto: os atores que fazem o papel de turcos são figuras feias e grotescas. E ainda, Billy não tem amigos turcos no presídio, nem mesmo um bom companheiro, desafortunado como ele, que pudesse ajudá-lo. Pelo contrário, Billy se limita a uma amizade inglesa, uma sueca e a de outro americano.

Enfim é um espetáculo que questiona e denuncia um sistema que manipula "bonecos defeitosos, criados pela máquina", segundo seu próprio interesse. Isto está bem demonstrado num dos diálogos no sanatório do presídio. E neste ponto o filme atinge uma grandeza sem limites. Não seriam as minorias, para o sistema, bonecos defeituosos que devem ser expurgados da coletividade?

Adão Acosta

Um dos poucos amigos de Billy Hayes (Brad Davis), Max (John Hurt) no Expresso da Meia-Noite

o livro

Carmem Miranda sempre viva

Uma pequena notável, que cantou muitos sambas e alegrou muitos carnavais, recebeu, no ano passado, mais uma homenagem especial, na verdade não divulgada como merecia, que foi o levantamento detalhado de sua carreira artística através de um livro: *Carmem Miranda, A Cantora do Brasil*, de Abel Cardoso Junior, em edição do Autor, com 496 páginas, 96 ilustrações, lançado à venda, no Rio, no Museu da Imagem e do Som, a Cr$ 200 o exemplar. Nele, o pesquisador refaz toda a trajetória seguida pela artista no mundo do *show business*, desde seu primeiro teste com o compositor e violonista Josué de Barros, em 1929, até sua morte trágica, a 5 de agosto de 1955, e que provocou uma comoção nacional neste país, especialmente no Rio.

Também no último agosto, no Museu Carmem Miranda, ocorreu um encontro, ilustrado por músicas, entre o crítico Sérgio Cabral e três compositores dela contemporâneos e autores de alguns dos seus sucessos: Sinval Silva, Cícero Nunes e João de Barro, o Braguinha. Mas, a notícia mais recente sobre Carmem — que continua sendo figura constante na nossa imprensa — dá conta de que não é mais Liza Minelli que vai fazer o papel principal da co-produção que o brasileiro Osvaldo Massaini está preparando com o americano David Brown contando a vida, amores e glórias da esfuziante cantora luso-brasileira. Brown faz questão de que seja uma brasileira a intérprete, e a escolhida foi Maria Alcina. Preparando o terreno, Maria Alcina já lançou na praça um compacto em que, pasmem-se, canta o velho sucesso americano de Carmem, *Chica-Chica-Boom-Chick*, em ritmo de discoteca, o que já antecipa bem a americanalhice que vem por aí.

Ao mesmo tempo anuncia-se um show em São Paulo já apresentando Maria Alcina na pele de Carmem, ao lado do Balé Stagium, este sim, criador de uma coreografia intensa e adequadamente tropicalista, já mostrada antes, ainda no velho Teatro João Caetano, e baseada na composição *Bamboleô*, de André Filho, cantada em fita por sua criadora em disco. O *show* deve estar valendo principalmente pela competência e autenticidade do Balé Stagium, que escolheu um dos números mais representativos da melhor fase da grande *show-woman* e que foi justamente aquela desenvolvida aqui no Brasil, antes de sua ida para os States da vida. E que vale uma recomendação calorosa, inclusive por mostrar um clima que é, em tudo, representativo de um estilo de vida, ou de comportamento, que faz a delícia do pessoal que é freguês constante de *Lampião*. Mas, mesmo os não iniciados (se é que ainda existem) mais descontraídos pouquinha coisa irão adorar.

Voltando porém ao livro, temos que fazer alguns reparos. É que alguns eventos, datados de 1975, não são mencionados e precisam ser registrados. De 75 para cá, especialmente, tem-se procurado manter viva na memória de todos os dados da carreira seguida por Carmem: dois elepês, uma da RCA/Camden, *Carmem Miranda, a Pequena Notável: Vinte Anos de Saudade*, e o outro da Odeon, de gravações feitas com o Bando da Lua. Posteriormente, um outro, dividido ou em dupla com Aurora Miranda, sua irmã. Alguns de seus filmes, da fase americana, de vez em quando são reprisados — agora mesmo, em abril, na TV-Globo (mas não se conseguiu a transferência deles para o Brasil, em definitivo, até hoje), enquanto dos seus quatro filmes brasileiros, pelos menos *Alô, Alô Carnaval* é reprisado com certa freqüência. Dos outros, ao que parece, não restaram cópias.

Desses acontecimentos, porém, o que parece ter sido o mais significativo foi mesmo a inauguração do museu da artista, ocorrido a 5 de agosto de 1976, depois de vinte anos de mil aflições com as esperas e protelações burocráticas. Ainda: Carlos Manga chegou a anunciar o início das filmagens, a partir de janeiro de 75, de "A Pequena Notável", projetado para ter Marília Pera no papel principal. Este foi só um projeto de filme dos muitos sobre Carmem que não deram em nada: houve antes, entre outros, os de Aluísio de Oliveira e de Carlos Diegues, além do de Osvaldo Massaini, que já é bem antigo.

É com carinho e admiração que Abel Cardoso Júnior escreve sobre aquela que os americanos chamaram de *brazilian bombshell:* "Poucas pessoas no Brasil, e nenhuma outra mulher tiveram a popularidade e o carisma de Carmem. Foi nossa primeira celebridade realmente mundial e, ainda hoje, com Pelé, forma a dupla dos únicos brasileiros com ampla e reconhecida fama internacional".

Não faz, porém, nenhuma referência ao plano político da época, no Brasil ou nos EUA. Quanto a isto, convém ter em mente que os filmes de Hollywood, no início dos anos 40 (Carmem foi para os EUA em 1939) eram feitos sob a supervisão do Departamento de Estado Americano. Disto quem nos informa é o jornalista Luís Weiss em reportagem publicada na extinta revista *Realidade*, n.º de abril de 61; lembrando a atuação do Sr. Nélson Rockefeller à frente do Escritório de Assuntos Interamericanos, durante o Governo Roosevelt, escreveu: "O cinema era outra preocupação do Escritório. Reconhecendo o poder dos filmes na formação de opiniões e sentimentos, o Escritório promoveu nos EUA a exibição de películas latino-americanas e permitiu que o público de lá descobrisse nossos talentos. Carmem Miranda foi um caso típico. Por outro lado, fiscais de Rockefeller cuidavam que Hollywood não incluisse em seus filmes tipos latino-americanos em papéis desfavoráveis".

Deduz-se que um desses fiscais tenha sido exatamente o Sr. Jorge Guinle porque revelou, numa entrevista concedida à revista *Status* de setembro de 74: "Eu fui para os Estados Unidos por que um amigo meu foi falar com Lourival Fontes e conseguiu um emprego com Nélson Rockefeller, *Coordinator of Interamerican Affairs*. Os norte-americanos queriam agradar muito ao Brasil, porque precisavam de um trampolim no Norte, para os seus aviões, por causa da guerra... Eu trabalhava na parte do cinema. Meu papel era chamar a atenção para os erros em relação à America Latina. Foi assim que conheci na mesma hora Carmem Miranda e Walt Disney".

Eis aí todos os dados para tirar, de uma vez por todas, as dúvidas da cabeça de quem até hoje se recusa a acreditar que Carmem foi apenas um instrumento usado pelos norte-americanos dentro daquela estratégia espertíssima de projetar internamente uma visão simpática e otimista do seu aliado e fornecedor de matérias-primas do Sul do Continente — este nosso Brasil varonil, salve, salve.

É, também, no mínimo discutível que Carmem, em que pesem os seus inegáveis dotes artísticos, tenha sido aquele bom caráter que todos os que testemunham sobre ela fazem questão de demonstrar e do que não escaparam também Sinval Silva, o autor de *Coração* e *Adeus Batucada,* entre outras composições de sucesso da "Pequena Notável", e nem Braguinha ou Cícero Nunes, todos envergando um bom mocismo típico do "Meu Tipo Inesquecível" de *Seleções*. Sinval Silva, evidentemente um bom compositor e figura simpaticíssima, que poderia ser considerado por qualquer racista empedernido como o representante-mor do chamado "preto de alma branca", não faz por menos: com a agravante de ter sido motorista particular de Carmem, não se cansa de mostrar e repisar o liberalismo e a "igualdade" com que ela sempre o tratou.

Existem ainda algumas vozes que discordam do fato de ter sido ela a grande figura humana que todos os testemunhos teimam em apresentar. Essas vozes discordantes asseguram que quem foi escolhida em 1939 para representar o Brasil na Feira Mundial de Nova Iorque foi Aracy Cortes (entre as duas havia, na década de 30, uma rivalidade bem mais feroz que a que separou Marlene e Emilinha, na década de 50) e que Carmem, movendo os cordéis nos bastidores políticos de então, teria puxado a brasa para sua sardinha e alijado Aracy da jogada. Tudo tem uma certa lógica porquanto Aracy, além de ser a maior rival de Carmem, na época, é que fôra a criadora de um estilo de cantar à brasileira, até então, inexistente, estilo esse que Carmem copiou, desenvolveu e industrializou, explorando-o comercialmente até às suas últimas conseqüências. Se tudo isto é fato, seria muito viva e muito malandra esta nossa sempre viva Carmem Miranda. E é tudo tão Brasil, meu Deus, tão Brasil, como diria o Manuel Bandeira. Mas também disto Abel Cardoso Júnior nada diz.

Carlos Alberto Miranda

o show

Uma freira e sua paixão

Programado para uma curta temporada no Teatro Brasileiro de Comédia, em São Paulo (agora ele começa uma tournée pelo Brasil), Cartas Portuguesas, o balé baseado nas cartas escritas por Soror Mariana do Alcoforado no século XVII, arrebatou o público paulista. Talvez a origem desse entusiamo esteja na própria preocupação dos responsáveis pelo espetáculo — os roteiristas Casimiro Xavier de Mendonça e Emilie Chamie, esta trambém diretora, e as coreógrafas Sônia Mota e Juliana Carneiro da Cunha — em não "recriar personagens ou a crônica da época, mas celebrar com todas essas figuras (do convento), abadessas, madres e noviças, a dança dos sentimentos, multifacetados".

São apenas cinco cartas, de intensa paixão, que Mariana escreveu para o Conde de Chamilly, em Paris, enviando-as por um mensageiro. Elas foram escritas provavelmente em 1665, no Convento da Conceição de Beja, e o encontro e o relacionamento entre a religiosa portuguesa e o nobre francês ocorreu enquanto Chamilly permaneceu em Portugal, como capitão das tropas do Marechal Stromberg, convidado pela regente d. Catarina, em 1663, a ajudar Portugal na luta pela independêndia contra a Espanha.

Um ano mais tarde Chamilly voltou para a corte de França. É então que começam a ser escritas as cartas, que se desdobram num fascinante crescimento dramático. O nobre aos poucos foi sendo esquecido; com o passar dos anos, é citado apenas nas crônicas francesas e em documentos militares da época. Mas as cinco cartas, que no século seguinte já tinham merecido quase 100 edições, tornaram Mariana uma figura cada vez mais famosa.

Estas cartas revelam "diferentes aspectos e as pulsações emocionais de uma mulher muito clara e seus escritos e, ao mesmo tempo, desvairada em sua paixão. Sua compreensão do prazer físico e da própria feminilidade parecem surpreendentes numa jovem do século XVII (ela tinha 22 anos quando as escreveu), que ingressou aos onze anos no convento, a mando da família.

Hoje em dia, as cartas de Mariana do Alcoforado vêm sendo examinadas como um documento do maior valor pelas feministas. Tudo isso por causa de "sua segurança surpreendente para escrever sobre os seus prazeres e sua própria paixão", no que se revela "um conhecimenro agudo do coração feminino".

O confronto entre Mariana e a sua paixão é o ponto de partida do espetáculo que os paulistas já viram. "Escrevo mais para mim do que para ti", ela diz numa de suas cartas; quer dizer, ao escrever para o amante, ela tentava, na verdade, descobrir a si própria. Assim, no espetáclo, Mariana aparece como uma espécie de pêndulo, dividida entre o seu mundo — o convento — e a imagem de sua paixão — a única figura masculina do elenco, o bailarino Ismael Ivo —, que dança ao seu lado em seqüências muito intensas.

Um recado a todos os lampiônicos: é um espetáculo imperdível.

CARTAS NA MESA

Ainda o "Repórter"

Oi, pessoal: volto a escrever a vocês por causa de uma matéria da Leila Miccolis publicada no número 10, onde ela critica a reportagem sobre lesbianismo do **Repórter**. Sabem a impressão que me deu? Que ela não leu direito, não entendeu bem as coisas. A primeira crítica é sobre as "manchetes preconceituosas". Antes de tudo, veja-se bem que este tipo de apresentação é uma das principais características do **Repórter**, a marca que o distingue dos outros nanicos. Por que nunca se reclamou de tais manchetes? Só quando se fala de homossexualismo é que se ferem os brios da moçada? Além do mais, basta ler as matérias para descobrir que o enfoque é outro, e as tais "manchetes" ficam como uma ironia, um sarcasmo, uma crítica aos jornais pinga-sangue. Quanto ao "desrespeito da privacidade individual", não vi casos tão drásticos assim: apenas uma menina que não se identifica (é tratada por "Erre") e outra, que consta com nome completo e situação atual, e diz claramente que "Todas as minhas irmãs sabem de mim" e "Saiu em primeira página de jornal: **Ela é homossexual**". Além disso, bastava não dar o nome e não permitir fotos, como fizeram as mulheres de classe "mais alta".

Outro ponto: diz Leila qua as entrevistas dão a impressão que as homossexuais são vazias, fúteis e sobretudo alienadas. Não concordo. Veja-se bem quais foram as mulheres entrevistadas, sua posição na escala social, seu grau de informação: será que se poderia esperar delas uma "interpretação metodológico-marxista da problemática sócio-cultural" e não sei lá mais o que sobre a vida que elas vivem? Inclusive, tal postura não seria ao menos desejável. Muito melhor que coloquem com pureza e objetividade suas emoções, seus sentimentos, suas idéias sobre sua vida sexual e principalmente amorosa.

Concordo com a crítica a Heloneida Studart, embora não considere seu depoimento nocivo ou prejudicial, a não ser a ela mesma, que tem toda uma reputação de intelectual e acabou ficando com a pecha de não entender ou não conhecer a moderna vanguarda psicanalítica e sua visão de homossexualismo.

Quanto ao possível livro de Iara Reis de Carvalho, que o faça: precisamos mesmo de um "Relatório" sobre as mulheres homossexuais do Brasil. E mais dois recadinhos. O primeiro, a Leila: a melhor forma de iniciar a conscientização de um público é mostrar que o problema existe, e mostrar a frio, como faz o **Repórter**. O segundo recado vai para a turma da diagramação. Vocês colocaram o nome de Aguinaldo Silva com "aquele" destaque, no final da matéria, e o nome de Leila num simples negrito entre parênteses, no meio do texto, sem aspas no texto de Leila e sem qualquer diferença de tipos entre os dois textos. Sabem o que eu pensei na primeira leitura? Que todo o artigo era de Aguinaldo, e apenas um parágrafo da Leila. Isso desmerece a sua imagem, viu, Aguinaldo? Um beijão a todos.

Beatriz Medina — Rio.

R. — **A polêmica em torno da matéria publicada pelo "Repórter", que acabou se instalando em nossas págir as, trouxe benefícios como este: Beatriz voltou a nos escrever. Faça isso sempre, Bea, que a gente adora as suas cartas. Apenas uma resposta: nosso arte-finalista realmente dançou na questão das assinaturas: ele destacou a que estava no final do texto, e essa era do Aguinaldo, que também dançou, pois, na qualidade de coordenador da edição, devia ter prestado atenção a esse detalhe. Leila rodou sua baiana — e com toda razão — mas os dois acabaram trocando beijinhos e tudo terminou bem.**

Abraços da Colômbia

Queridos amigos: depois de algumas tentativas de refazer os contatos com vocês, aproveito rapidamente a visita de Allen Young ao Brasil para retomar a ação de liberação guei, sexual e social latino-americana. Anexo os dois últimos números de nossa publicação e desejo, em troca, receber toda a coleção do seu jornal, pois, nos interessa conhecer seus pontos de vista políticos. Por outro lado, já nos inteiramos dos processos judiciais contra alguns de vocês, e pretendemos enviar carta de protesto à Embaixada do Brasil na Colômbia e ao Ministro do Interior do Brasil. Creio ser bastante necessário manter nossa corrrespondência. É uma satisfação saudá-los, e desejo a todos êxitos e prazer. Afetuosamente,

Leon Zuleta — Medellin, Colômbia.

R. — É um prazer também para nós receber suas notícias, Leon. O seu El Otro" (vide a seção **Badalo**, nesta edição) **nos parece muito próximo do nosso LAMPIÃO; nossos objetivos políticos são praticamente os mesmos. Vamos manter nossa correspondência, sim. Estamos lhe enviando a coleção do jornal. Abraços extensivos a todos os nossos irmãos colombianos.**

Samseksemulara!

Prezados senhores! Vimos através desta, antes de qualquer esclarecimento, parabenizá-los pelo trabalho que vêm efetuando em prol de uma minoria carente de conscientização e de posicionamento ante os seus ângulos de visão no que concerne à homossexualidade. Achamos que vêm desempenhando um papel louvável em prol dos já citados objetivos. Merecem críticas, é claro, sobre o que nos abstemos de falar, pois em linhas gerais cumprem os objetivos.

Somos duas organizações num trabalho conjunto em prol da classe que achamos necessário seja organizada, para que assim possa haver um trabalho de conscientização interna, para que assim possamos nos projetar e reivindicar os direitos que nos consistem. Mas, para tanto, é preciso que nos posicionemos dentro de princípios básicos e conscientes.

Temos como idioma oficial o Esperanto, e que já vários projetos foram elaborados para que se pudesse implantar o Esperanto como [illegible]oma oficial Gay, e a aceitação tem sido recebida de forma compensadora, o que muito nos alegra e faz com que possamos, de alguma forma, reunir forças para seguirmos dentro dos nossos objetivos, sem nos omitir perante uma classe da qual fazemos parte. Assim, gostaríamos que fosse publicado artigo a respeito do já referido idioma, com menções a que já deixamos explícitas nesta carta.

A história do movimento Gay-Esperanto marca já de alguns anos, quando surgiu na Europa a Internacia Samseksema Esperantistaro, com revista e outros meios de informações, e assim ela conseguiu reunir grande quantidade de homossexuais esperantistas, e cortar o isolamento de tantos em países tais como Argentina, Uruguai e outros opressores de tal opção sexual. Mas, por motivos internos concernentes ao regimento do país em que a mesma se sediava, ela se extinguiu. Todavia, reuniram-se membros da extinta organização e criaram a Ligo de Samseksamaj Gesperantistoj, que tem os mesmos objetivos e está sediada na Inglaterra, com um trabalho de âmbito mundial. Maiores informações, queiram se dirigir em Esperanto e em último caso, em inglês, fazendo-se acompanhar de um "cartão-resposta-internacional", ao Sr. Peter Danning — 44, Morley Road, Twickenham, Inglaterra, TW1 2HF.

Internacia Samseksemulara Unuigô-Intersamu, sujeita a mudanças no que se refere ao nome, por se fazer ligada à LSG em trabalho conjunto, tem os mesmos objetivos, só que bem mais junto aos latino-americanos: portanto, o motivo possível da mudança referida. Já está sediada em Brasília, Distrito Federal, e no início de suas atividades. Informações no endereço que segue no envelope. Agradecidos.

Intersamu — Brasília.

R. — **Ficamos ouriçadíssimos com essa história de língua internacional guei, e estamos examinando o material que vocês nos enviaram. Oportunamente, voltaremos à matéria, se for o caso. Enquanto isso (atenção leitores) quem estiver interessado no assunto, pode escrever diretamente para a Intersamu (Internacia Samseksemulara Unuigô»: Caixa Postal 11-1363, CEP 70000, Brasília — DF, Brasil.**

Volta o gay-macho

Querido jornal LAMPIÃO: estou de acordo com Mauro Luís, do Rio, na reportagem "A tragédia é contestada" (**vide LAMPIÃO nºs 8 e 9**). Sou americano, brasileiro de sangue. Gato que nasce no forno não é biscoito, é gato! Mas vou defender a tragédia americana no mundo gay-macho. Nós estamos todos curtindo uma boa. Não existe nada disco nem travolta nos **discos.** Aliás, ele já era! O gay-macho é simples como um qualquer que veste um jeans para ir à boate. Aliás, aqui ninguém curte roupas e paetês! Carros ou posições sociais ridículas que se impõe em conversas de boate para impressionar o bofe. Aqui é tudo muito simples. Até as bichas loucas já não são tão loucas, chocantes e ridículas.

Na festa do meu aniversário convidei meus amigos que são casados (straights), com filhos já de 21 anos, para ir festejar numa boate guei. Fiquei surpreso com a reação deles. Eles foram e adoraram o comportamento guei nas boates. Só misturaram à multidão e se divertiram a valer! Aliás, um casal novo até passou a freqüentar, pela alegria, pelo bom gosto da música e pela decoração. Sem pensar que ser guei é doença. Eles ficam também impressionados com a beleza do corpo dos go-go-boys seminus, dançando com a moçada. Não sei se é porque vivo na cidade mais guei do mundo. Mas posso lhe dizer que estamos vivendo uma "tragédia" legal, ou seja, uma integração total com os amigos, com as igrejas, e estamos lutando também para que possamos participar na política, defendendo assim o direito do homem e da mulher homossexual.

Agora, as bichas loucas, elas já não encontram aqui nos EUA público para fazer **show-off** ou admirá-las. E nem por isso elas deixaram as lantejoulas em casa. Mas viram oque é ridículo ser exibicionista, seja guei ou **straight**. Portanto, todos estão curtindo com a consciência de ser autêntico ou autêntica, com lantejoulas ou sem lantejoulas, mas tudo com muita CLASSE. A verdadeira tradução da palavra **gay** é **alegria, alegre.** Portanto, um conselho às bichas loucas: seja alegre, seja sempre você, seja guei!

Um abração a todos vocês.

Jairo Ferry — San Francisco, USA

Senhor editor: Gostei muito da carta escrita pelo leitor Mauro Luís aí do Rio de Janeiro, acho que a linha que ele defende é muito válida e bem difinida, concordo com o que ele diz e aproveito para acrescentar mais alguma coisa.

Acho que se existiu alguma vez um oportunidade de a gente se valorizar e mostrar realmente quem somos, agora chegou este momento. E é momento, que todos aqueles que **entendem** devem lutar. Não se trata de uma luta como o Mauro descreveu, mas sim, de gente que possa ser respeitado no meio em que vive, trabalha e estuda. Ninguém poderá confiar em nossa capacidade se ficarmos dando uma de bonecas e bancando as loucas na rua. O que eu acho é que precisamos estudar mais, nos tornarmos necessários na sociedade e assim respeitados. Gostaria de esclarecer que não concordo absolutamente que os homossexuais tenham que imitar os homens e muito menos as mulheres. Concordo sim, que todos tenham uma imagem própria, inteligente e discreta. Só assim seremos amados pelos outros. Caso contrário, seremos eternamente ridicularizados e marginalizados por todos. Um beijo para vocês, e continuem sempre assim.

Caetano — São Caetano do Sul (SP)

R. — Houve um problema muito sério com o artigo sobre o "gay-macho" publicado no nº 8 de LAMPIÃO. Fala-se ali da tendência verificada entre alguns homossexuais norte-americanos de adotar um comportamento machista. Veja bem, é uma tendência, e de apenas uma facção homossexual; não de todos. Essa facção, é claro, não abrange todos os que freqüentam boates, ou que cuidam da aparência física. Mas os seus adeptos procuram externar seu comportamento principalmente nas casas noturnas, onde encontram o cenário ideal para dar vazão à sua preocupação com o corpo, com a exibição da beleza física. Jairo fala de participação política, Caetano de integração; fazer política, para nós, implica a oposição à sociedade machista e preconceituosa em que vivemos; os "gay-machos", ao confundirem virilidade com machismo cometem um erro grave; como é grave o erro de alguém que, falando em integração, deixe bem explícita a condenação às pessoas que "dão pinta", sem se preocupar em detectar as origens dessa "pinta" — que estão na repressão e no condicionamento forçado das pessoas aos dois únicos tipos de comportamento sexual aceitos pela sociedade em que vivemos. Além disso a gente nota, com preocupação ainda maior, que tanto Jairo como Caetano só falam de homossexuais masculinos. Será que vocês — como os machistas, gueis ou não —, também acham que lugar de mulher — mesmo mulher homossexual — é na cozinha? Cruzes!

CARTAS NA MESA

Enfim, o roteiro

Queridos amigos: a primeira vez que ouvi falar de vocês foi naquela reportagem da Isto É chamada "O Poder Homossexual". Depois disso, entrei em contato com o jornal Mundo Gay, que agora se chama Jornal do Gay. Não quero cuspir no prato depois de tê-lo comido. Afinal, ele me foi útil, já que foi através dele que conheci lugares para lésbicas, onde pude conhecer pessoas com os mesmos problemas que eu e, inclusive, travar amizades que duram até hoje. (...) Foi a minha insatisfação com o nível daquele jornal que me levou a comprar o nº 9 de LAMPIÃO. Puxa! Que surpresa ao ver a qualidade do jornal que vocês fazem. E o número 10 está ainda melhor, com o ponto alto na reportagem sobre o encontro de minorias na USP. Parabéns, Dantas e Trevisan! Era, realmente, um jornal sério como o de vocês que eu estava procurando, um jornal que tivesse conteúdo, que fizesse as pessoas pensarem um pouco sobre sua situação, que valesse o dinheiro pago por ele. Podem estar certos que ganharam mais que uma fiel leitora.

Emocionei-me com a carta daquela mãe de Recife e, através de vocês, quero lhe dar um alô. E lhe dizer que, realmente, ela não é a única que aceita os filhos como são. Eu mesma conheço um caso assim: são os pais de uma amiga minha, homossexual, que desde cedo descobriram o que ela era e a aceitaram sem dramas, sem discussões, e que a amam muito. Aliás, não são apenas os pais que a aceitam, mas toda a família. E isso estende-se a amigas como eu. Não é maravilhoso, isso? Que bom se todos os pais fossem como a senhora, D. Maria das Graças. Um beijo filial para a senhora.

E, se os amigos me permitem, gostaria de mandar um alô para Ana Teresa, aqui de São Paulo, a "formada, informada, enrustida e envergonhada". Gostaria de conhecer você pessoalmente, Aninha. Tenho 27 anos, também formada e informada, mas creio que já superei em grande parte o enrustimento. Se você topar, mande-me uma carta aos cuidados do LAMPIÃO. Eu estou anexando um envelope selado com o endereçamento meu pronto. Assim os nossos amigos só têm o trabalho de pôr sua carta dentro do envelope e me mandarem.

Já que estamos falando em Ana Teresa, devo dizer que não vejo porque não publicar um roteiro guei (feminino) como ela sugere. Se o problema está em que vocês temem que esses lugares sejam visados pelos machões, bem eu duvido que eles venham a ficar sabendo desses lugares através de vocês, principalmente porque eles nunca comprariam o LAMPIÃO, com medo de o jornaleiro pensar que são bichas. Além disso, pra quem não freqüenta o meio, como ficar conhecendo esses lugares senão através do nosso jornal? Mas talvez vocês temam tornar esses lugares uma espécie de gueto voluntário. Então, eu digo que não queremos formar um mundo à parte (são eles, os outros, que nos põem para fora, não?), mas que é bom a gente poder estar à vontade num lugar, conhecer pessoas iguais a nós.

Um grande abraço pra todo o pessoal da redação.

Suely — São Paulo.

R. — Houve realmente dramas existenciais na redação em torno da publicação de roteiros gueis, Suely. Mas agora, tudo bem: as mulheres fizeram o seu — ainda que limitado a São Paulo —, e ele será publicado no próximo número, com uma promessa de ampliação posterior. Elas saíram na frente, mas os homens também já estão cuidando do seu. E ele será, outra vez, inicialmente de São Paulo (mas é lá que as coisas sempre começam, não é?). Quanto ao Jornal do Gay (que agora se chama Gay News), não deixe de lê-lo. Quanto mais jornais houver, e para todos os gostos, melhor.

Um DCE bem livre

Estamos sabendo das ameaças e das ações contra esse jornal, desencadeadas pela mesma ditadura militar que vive tentando sufocar as vozes oprimidas deste país. Estamos com vocês, dando toda força para continuarem sendo um veículo de defesa de índios, homossexuais e minorias todas, pessoas marginalizadas (não apenas pela ditadura militar), e que por isso mesmo têm muitíssimas razões para estarem na frente dessa luta maior de libertação travada pelo povo brasileiro. " A UNE somos nós, a UNE é nossa voz".

Diretório Central dos Estudantes — Universidade Federal da Bahia.

R — **Depois de ler a carta de vocês, corremos a ouvir o disco "Mercedes Soza canta Violeta Parra" ("que vivam los estudiantes", etc.) Estamos aí, pessoal. Aguardem a remessa de alguns números, como vocês pediram no P.S. da Carta; mandar sempre a gente não pode. Mas de vez em quando, tudo bem.**

Ana de São Paulo

Redatores queridos, os dois últimos números do LAMPIÃO estão empatados como o melhor já produzido pelo jornal até agora. Parabéns pelo artigo sobre a Amazônia. Esse, afinal, é um assunto de interesse nacional, que diz respeito a todo o povo brasileiro. O que eu penso é que os donos do poder, que há quinze anos vêm tolhendo os reais anseios e necessidades do nosso povo, estão querendo acabar com o país o mais rápida e lucrativamente (para eles) possível. Porque a Amazônia é apenas um dado no quadro político brasileiro; acrescente-se a isso a compra da Light, a venda da gasolina a preços meramente simbólicos ao exterior, enquanto o país se aperta na economia de combustível, a elevação do Imposto de Renda para cobrir a "ajuda" da União às áreas atingidas pelas recentes inundações... se bem que este último caso já se explica por si mesmo: as reservas têm que atender prioritariamente a eventualidades (bem comuns) como a UEB, Lutfala, etc... E acho que vocês conseguiram o que a gente vem pedindo desde o começo: a participação de gente comum no jornal. Porque a carta da mãe de um homossexual, os depoimentos da dona de casa e do comerciante na matéria sobre moral e bons costumes (nº 9), e o depoimento de Djalma Santos (nº 10) são praticamente isso: gente comum, anônima, falando às claras, sem máscaras. Mais um ponto positivo para o jornal.

Papo com Betha

Oi, pessoal, tudo bem? Descbri o LAMPIÃO no quarto número e nunca mais deixei de comprá-lo, todo mês é uma ansiedade esperando o jornal chegar às bancas. Sempre vivi em conflito por ser homossexual, pois a grande maioria "sábia" não aceita que exista outro tipo de relacionamento sexual, a não ser o heterossexual. Durante um ano vivi um amor profundo da minha parte, com uma garota, e foi o período mais feliz da vida, só que de repente ela terminou tudo e fiquei na pior. O maridinho da minha mãe me perseguia e era um inferno, ninguém jamais aceitou e nem aceitará ter uma "anormal" no mesmo teto e, principalmente, na família. Arranjei até um namorado (a que ponto cheguei) pra dar uma satisfação à família, mas eu não suporto isso, não é honesto comigo. Graças a alguma força superior vocês estão aí, firmes, e por saber que não estou só é que consigo lutar. Queria parabenizá-los pela reportagem com a Lecy Brandão, foi a mais profunda de todas que já li, eu já me "amarrava" nela, agora então, eu adoro. Seria possível entrevistar Maria Bethania? Sou louca por ela, e creio que elazinha não irá rejeitar um papo com vocês. E por fim, dêem uma dica de algum lugar "entendido", pois não conheço nenhum e é muito importante pra mim me relacionar com gente que é gente. Um beijo em toda a equipe.

E.P. — Grajaú, Rio.

R. — **Querida E.: agüente firme, que as coisas vão melhorar. Lecy é ótima (vá ver o "show" dela, "Metades", no Teatro da Galeria). Quanto a Bethania, ela vai rejeitar o papo, sim. Escreva para o grupo Somos (veja o endereço à página 3). Lá só tem gente que é gente.**

Letra minúscula

Prezados amigos: tive o prazer de conhecer o LAMPIÃO. O nº 11. Sempre o via na Cinelândia, cheguei a folhear o primeiro número, mas achei por demais literário. O fascínio de um jornal está justamente na informação, na leitura rápida, e por isso não me interessou. Hoje, necessitando trocar dinheiro, vi casualmente, alguém lendo-o. Foi assim que adquiri um. Descrente, parecia que LAMPIÃO não ia me agradar. Ledo engano. Agradou e muito. Variado, com leitura para todos os gostos. Só o que deixa a desejar é a impressão. A letra é extremamente minúscula! Porque não fazem uma letra, pelo menos como a do Jornal do Brasil?(...) Por outro lado, que fosse só a respeito de homossexualismo. Essa reportagem sobre a reunião de mulheres é francamente desinteressante. Ela poderia ser publicada em outro jornal qualquer. Outra sugestão é colocarem sempre nomes de pessoas famosas que são homossexuais. Todos nós sentimos o consolo de saber que não estamos sós, nem somos tão marginalizados assim. (...) Há um romance muito famoso de John Rechy, cujo título é **Numbers**, que é conhecido como o melhor romance sobre este tema já escrito até hoje. No entanto, **Numbers** nunca foi editado no Brasil. Por que vocês não o fazem?

Armando Santos — Rio.

R. —**É Armando, ainda tem muita gente como você, que só agora está descobrindo LAMPIÃO. Mas desde que descubram, tudo bem. A "letra minúscula" é por causa do número de Páginas, que é pequeno em nosso jornal: a gente tem que dar o máximo de informações no menor espáço. A matéria sobre as mulheres NUNCA sairia em outro jornal. Quanto ao livro de Rechy, ah! Se a gente pudesse publica-lo... É um dos nossos planos.**

Claro! Por falar nisso, já está na hora de renovar minha assinatura.

Nunca houve uma mulher como SHIRLEY

O filme ia ser um escândalo: depois de *Lúcio Flávio*, o cineasta Hector Babenco estava disposto a levar para as telas uma investigação sobre o mundo dos travestis. Ele, Celso Cúri e Leopoldo Serran ouviram dezenas de bonecas, gravaram quilômetros de fitas com entrevistas, frequentaram todos os pontos, muquifos e bibocas. No fim, Leopoldo Serran sentou e escreveu o roteiro de *Shirley;* uma autêntica peça literária, cuja leitura deixou emocionadíssimos alguns lampiônicos. Alguns problemas fizeram com que o filme fosse retirado provisoriamente de produção, mas o roteiro aí está, à espera de um editor ousado que o publique. Enquanto isso, nós selecionamos dele duas seqüências quentíssimas: é o presente de aniversário que oferecemos aos nossos leitores. Com vocês, Shirley, nossa irmã das profundezas (AS).

Fotos de Regina Rito

Modelo: Geórgia Bengston

Quarto de Judite, Interior, dia.

O quarto de Judite é um misto de dormitório e salão de beleza. Duas crianças brincam sobre a cama, uma mulher está debaixo do secador, uma bicha tira a sobrancelha com uma pinça em frente ao espelho. Judite, em frente a uma mesinha, está fechando vidros de esmalte de unhas. Ao ver Shirley, ela fala:

JUDITE — Desculpe te acordar, Shirley. Mas é que o Leôncio não gosta que eu trabalhe depois que ele chega...

SHIRLEY — (**Um bocejo**) Tudo bem, não esquenta... (**Cumprimenta os outros presentes, sem ao menos olhar para eles**) Ôi... Ôi...

Shirley senta em frente a Judite e coloca as mãos sobre a mesa para fazer unhas. Pela porta aberta podemos ver no quarto em frente um homem que faz ginástica com o rádio ligado tocando música. As crianças começam a rir alto. Shirley demonstra alguma impaciência com o olhar.

JUDITE — Tão fazendo muito barulho... Vão brincar no corredor...

As crianças obedecem e saem. Judite começa a lixar as unhas de Shirley. A bicha, que continua tirando as sobrancelhas, fala, provocando Shirley, sem tirar os olhos do espelho.

BICHA — Muito sucesso nas ruas, bicha?

SHIRLEY — **Também sem olhar**) Eu já nem ligo mais para isso, AGENOR. Quando a gente faz sucesso todo dia, o sucesso acaba cansando. Como dizia a outra: I want to be alone... O que você provavelmente não sabe o que significa.

BICHA — (**Desconsiderando a insinuação e continuando a se olhar no espelho**) E que sucesso todo é esse? Me conta...

SHIRLEY — Quando eu era uma bichinha igual a você, tinha que pagar pra conseguir um pouco de amor. Mas hoje, vivo recebendo flores e jóias...

BICHA — Que jóias são essas, bicha? Pensei que você só recebesse uma notinha de 500 pelo michê...

SHIRLEY — (**Uma nunca olhando para a outra**) Quinhetos é pra quem tem freguês, coisa pobre. Eu tenho clientes. (**Tira a mão que Judite lixa e ergue no ar**) Tá vendo isso aqui? Foi o Dudu quem me deu. É um relógio Cartier. Já ouviu falar? Aposto que nunca. É coisa fina demais... não faz nem anúncio na televisão porque pobre não tem mesmo dinheiro pra comprar.
(**Devolve a mão para Judite**)

BICHA — (**Nem olhou o relógio**) Sei, mas é Cartier feito no Paraguai, não é, Shirley... com uns oitocentos cruzeiros qualquer um pode comprar dois desses... cuidado pra não pegar chuva com ele que enferruja e sai uma coisa preta de dentro que deixa teu pulso todo gosmento...

SHIRLEY — Não precisa ficar preocupado. Esse aqui é suíço... custa só um pouquinho menos que um Volkswagen...

BICHA — Ah, bom, se você tem tanta certeza, faz uma coisa: joga ele no chão pra ver se é a prova de choque... mas quando fizer o teste, tapa os olhinhos, viu... porque o ponteirinho pode saltar e furar sua vista...

SHIRLEY — Cruzes, coisa pobre, toma cuidado com a tua saúde. Sabia que inveja dá câncer?

BICHA — Falar nisso... sabe a Monique... pois é... vocês sabem que ele foi casado antes, não sabem? De passado e tudo. No civil e no religioso. Como é que era o nome dele mesmo? Essa gente tem tanto nome que ninguém se lembra. Luís Carlos... isso, Luís Carlos... olha, a ex-mulher dele resolveu levar o filho pra conhecer o pai. Gente, quando o garoto viu o pai com aqueles peitos enormes, cabelo comprido e cílios postiços, se mijou todo... fez uma poça enorme no chão... Também, coitadinho, ter um pai chamado Monique é dose pra elefante. Não é, **Shirley?**

SHIRLEY - (**como se não tivesse ouvido**) Judite, você viu a fotografia do Dudu que saiu na Manchete?

JUDITE - Vi não.

SHIRLEY - Não viu? Uma foto colorida de página inteira.

BICHA - Eu vi ontem no cabeleireiro...

SHIRLEY - Você quer dizer no **barbeiro,** não é? Olha Judite, **ele estava vestindo uma calça cin**za e um blazer azul divino, segurando dois galgos no jardim da casa dele... casa não, que aquilo é uma mansão... O Dudu não é lindo, me diz?

JUDITE - Ele tem muita classe.

SHIRLEY - Bota classe nisso, minha filha... sabe que no dia que ele tirou aquela foto, ele passou a noite toda comigo num colchão de água? Você precisa ver essa foto, Judite. Depois eu vou pegar pra te mostrar...

BICHA - Só que você se esqueceu de um detalhezinho, né bicha... além do Dudu e dos galgos... tinha também a mulher dele, vestida num longo branco assim maravilhoso... dizem que ela além de linda é inteligentíssima... assim uma grande dama... o tataravô dela já morava num palacete... notou o relógio Cartier dela? Aquele assim... era suíço legítimo, comprado em Zurique quando eles estiveram lá no ano passado...

Pela primeira vez desde o início da seqüência, Shirley se volta e olha para a bicha. Este, notando o movimento, deixa de se olhar no espelho e encara Shirley também pela primeira vez.

SHIRLEY — Sabe o que você é, coisa pobre? Uma despeitada. E homem gosta é disso, **é**... (**Levanta a camiseta e mostra os seios para a bicha**) Peito!

BICHA — (cínica/inocente) Nossa! Quanto silicone, **Valdir.**

Delegacia. Interior, noite.

Uns doze travestis estão presos. Espalhados na sala do delegado, eles são guardados por uns três detetives e/ou investigadores. Shirley é uma das doze. O delegado está sentado e falando. Tem um certo ar de cansaço/decepção. Procura ser razoável.

DELEGADO — ...ninguém aqui pode dizer que eu não tentei. Eu tentei. Mandei que meus homens esquecessem vocês e fossem cuidar de coisas mais urgentes. Limpei a barra de vocês. Eu disse pra mim mesmo: Lustosa, eles não tão fazendo mal a ninguém. Só são procurados por quem quer. Viver e deixar viver, sempre foi o meu lema. E é por isso que eu nunca vou subir muito como policial. Porque eu sou um animal e confio em gente como vocês. Em uma semana me deram dois lindos presentes em troca: um carro incendiado e um empresário alemão assassinado. Quanto ao primeiro eu vou esquecer. O sujeito ficou tão assustado que não deu queixa. Mas o segundo foi uma coisa muito feia. Eu não me importo que vocês matem quantos empresários, quantos alemães quiserem. Mas eu não perdôo que vocês tenham feito isso bem aqui, dentro da minha jurisdição. Eu hoje já falei com o Ministério do Exterior, com a Embaixada alemã, o consulado, o SNI, e com três jornalistas chucrutes. Tá todo mundo de olho em mim, esperando os resultados. E eu conto com vocês, minhas colegas de trabalho. Vocês me botaram nisso, vocês vão me tirar disso.

JACQUELINE — Vocês, quem?

DELEGADO — Vocês... os travestis. O que mais seria? O alemão saiu naquela noite para procurar uma de vocês. E não viveu pra ver o galo cantar na manhã seguinte.

JAQUELINE — Ainda que isso seja verdade, foi **uma pessoa** que matou o tal alemão... não fomos **nós...** por acaso quando um homem mata outro, vocês saem prendendo todos os homens de São Paulo?

DELEGADO — (**sempre paciente**) Minha filha, eu detesto essas conversas filosóficas. (**leve representação**) O que é um travesti? O que é um homem? Qual é o significado da vida? (**Voltando ao normal**) É uma conversa que me cansa, me deixa de mau humor, mesmo. Foram **vocês.** A arma foi uma faca com mais de oito dedos de comprimento. Possivelmente uma dessas que a gente usa pra cortar peru de Natal. Agora, vocês têm sete dias — nem um mais — pra me trazer o nome do autor da proeza. Porque senão, a rua vai ficar fechada pra vocês. PRA SEMPRE. (**Para um investigador**) Ademir, toma o nome de todos.

ADEMIR — (**todo animado**) Isso é mole, Lustosa. Essa aqui é a Shirley, essa é a Hidegard, essa é a Jacqueline...e...

DELEGADO — (**Impaciente**) Ademir! Eu disse o nome... O da pia batismal, entendeu?

ADEMIR — Certo, Lustosa... (**Dando um misto de tapa e carinho no rosto de Shirley**) Diz o teu nome verdadeiro ali pro doutor, beleza...

SHIRLEY —(**Tremendo**) Nabucodonosor de Oliveira...

Os risos dos travestis ecoam na sala. Ademir estala um violento tapa no rosto de Shirley, que é amparada para não cair.

ADEMIR — Esse nome eu não gostei. Experimenta outro.

SHIRLEY — (**se recompondo, com fúria nos olhos**) Se você não gosta de Nabucodonosor, pode me chamar de Nab...

Os risos são agora mais fortes. E mais forte é o tapa que Ademir dá em Shirley. Desta vez ela vai pro chão mesmo.

ADEMIR — Eu te quebro de porrada, seu escroto.

SHIRLEY — Aqui dentro você banca o machinho. Mas lá fora, eu te conheço...

Mais risos. Ademir chuta Shirley caída. Esta geme ao receber o pontapé.

DELEGADO — (**novamente impaciente**) Ademir, se você matar ela aqui dentro, eu **prendo você.**

Os risos ecoam novamente. Ademir penteia o cabelo, zangado.

DELEGADO —(**pegando uma carteira de identidade que está em cima da mesa**) Rodrigo Alencar... Quem é?

Silêncio geral como resposta. O delegado não se zanga com isso. Olha a fotografia na carteira. É um menino com o cabelo cortado a reco e um bigodinho. O delegado começa a correr os olhos por todos os travestis. Os rostos não têm nada a ver com o retrato.

Leopoldo Serran